



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA – DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE
GÊNERO

Alberto Lopes De Oliveira

**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM TURMAS DE EJA
DO ENSINO FUNDAMENTAL EM BELO HORIZONTE:**

Possibilidades e desafios

Belo Horizonte

2015

Alberto Lopes de Oliveira

**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
EM TURMAS DE EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL EM BELO HORIZONTE:
Possibilidades e desafios**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Docência Na Educação Básica – Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Ana Amélia de Paula Laborne

Belo Horizonte

2015

Alberto Lopes de Oliveira

**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
EM TURMAS DE EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL EM BELO HORIZONTE:
Possibilidades e Desafios**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Docência Na Educação Básica – Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em..... De 2015.

BANCA EXAMINADORA

Ana Amélia de Paula Laborne – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do convidado – Instituição a que pertence

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
1.1 - Minha Experiência como Aluno e como Educador	12
1.2 - Contextualização da Escola	17
1.3 - Perfil do Aluno Envolvido no Projeto.....	19
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 - A Importância dos Estudos sobre a África Pré-Colonial	23
2.2 - Imagens veiculadas sobre a África ao longo da história.....	23
2.3 - Teoria Racial do Século XX.....	25
2.4 - A Política da Mestiçagem no Brasil	26
2.5 - A Inexistência do Conceito Biológico de Raça	28
2.6 - A Cor da Pele como Reflexo da Adaptação ao Ambiente	30
2.7 - O Legado do Egito Antigo.....	34
2.8 - Quilombos: Passado e Presente	37
2.9 - A Origem do Quilombo de Palmares	37
2.9.1 - Zumbi e Ganga-Zumba.....	38
2.9.2 - Conceito de Quilombo	40
2.9.3 - O Processo de Titulação das Terras Quilombolas.....	42
3 – METODOLOGIA	43
3.1 - Uso de obras cinematográficas	43
3.2 - Oficina de Cinema	44
3.3 - Exibição do Filme “Mãos Talentosas”.....	45
3.4 - Exibição do Filme “Mississipi em Chamas”	46
3.4 - Exibição do Filme “Besouro”	48
3.5 - Leitura do Livro: “Uma Pequena Lição de Liberdade”	48
3.6 - Exibição do Documentário: “África no Passado - Riquezas e Glórias” ...	50
3.7 - Exibição do Documentário “Zumbi dos Palmares”	52

3.8 - Exibição do Documentário sobre “Heróis de todo Mundo”	53
4 - O QUILOMBO MANGUEIRAS	54
5 - RESULTADOS	57
6 - CONCLUSÃO.....	60
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

RESUMO

Este relato registra o desenvolvimento de um projeto comprometido com a efetiva aplicação da Lei 10639/03 referente à educação étnico-racial.

O principal objetivo do trabalho realizado foi promover reflexões e problematizações acerca de temáticas étnico-raciais pouco abordadas em turmas de EJA da Escola Municipal Professor Moacir Andrade. Dessa forma, os quilombos do período escravocrata e as comunidades quilombolas da atualidade, juntamente com as contribuições científicas, filosóficas e culturais do continente africano para a história da humanidade foram priorizados durante a execução do plano de ação pedagógica.

No entanto, o objetivo geral mais relevante é desconstruir estereótipos negativos sobre a África e os afrodescendentes.

Uma das estratégias usadas para elevar a autoestima dos alunos afrodescendentes foi a contextualização dos processos de resistência do negro ao longo da história, a valorização da sua cultura, além da realização de estudos sobre as principais contribuições científicas, políticas e filosóficas dos povos africanos para a história da humanidade.

Esse trabalho teve como eixo norteador a lei 10639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira em estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, do Brasil.

A metodologia utilizada enfatiza a valorização do uso dos recursos da internet e de obras cinematográficas como uma das possibilidades metodológicas da prática pedagógica.

Para obter a fundamentação teórica indispensável ao desenvolvimento do trabalho, realizaram-se vários estudos descritos no plano de ação. Estão relatados os estudos que fizemos sobre a origem do racismo, a inexistência do conceito biológico de raças e o legado dos povos africanos para a história da humanidade. Relatamos algumas teorias que relacionam as características físicas, como cor da pele, tipo de nariz e cabelo, como consequência de adaptações que ocorreram ao longo da história evolutiva da espécie.

Este plano de ação foi elaborado e executado a partir do interesse das turmas com as quais trabalho e da reflexão sobre a minha prática pedagógica, na qual se incorporaram os conhecimentos obtidos ao longo do curso de especialização nessa mesma área em que desenvolvemos o plano de ação.

Desconstruir o tipo de educação eurocêntrica recebida durante a minha trajetória como educando foi fundamental para que essa intervenção obtivesse êxito.

Novas possibilidades e novos desafios foram detectados e, a partir dos resultados apurados, percebeu-se que será necessário ampliar, em futuros estudos, as discussões e reflexões sobre as temáticas abordadas.

Através de leitura do livro “Uma pequena lição de liberdade” e da utilização de diversos documentários sobre História da África e sobre comunidades quilombolas da atualidade, foi possível estabelecer conexões entre as relações de poder e o racismo na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Lei 10639/03, Quilombo, Racismo, Educação Eurocêntrica

1 - INTRODUÇÃO

Este relato refere-se ao plano de ação desenvolvido nas duas turmas de EJA da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade (doravante EMPMA) durante os meses de setembro a dezembro do ano 2014. O desenvolvimento desse plano de ação nas escolas é um requisito formal para a conclusão do curso da LASEB – Especialização em Educação para as Relações étnico-raciais. A ação proposta foi o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica que procurou seguir as orientações da Lei 10639/2003 nas duas turmas de EJA da EMPMA. Essa legislação tornou obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira e africana em nossas escolas.

É importante ressaltar que a modalidade de ensino EJA possibilita ao aluno a conclusão do ensino fundamental em apenas um ano. Portanto, como se tem apenas um ano para o trabalho com os conteúdos das diferentes disciplinas, foi extremamente importante estabelecer algumas prioridades relacionadas às temáticas abordadas no plano de ação. Sendo assim, procurou-se trabalhar com os educandos as temáticas que consideramos mais relevantes no que se refere à Lei 10639/2013. Dessa forma, os processos de resistência da população negra durante e após o período escravocrata foram abordados com os alunos. Trabalhou-se a formação de quilombos, a Revolta do Malês, a Revolta da Chibata e outros movimentos de resistência contemporâneos como a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o Movimento Negro Unificado (MNU), existente na atualidade. A origem e as organizações das comunidades quilombolas da atualidade foram temáticas trabalhadas com muito destaque durante a execução na intervenção pedagógica.

O estudo dos processos de resistência da população negra no Brasil é essencial para a desconstrução do mito da passividade da população negra diante da escravidão. Durante muito tempo, aprendemos que o negro escravizado sofreu passivamente todos os horrores praticados pelos senhores durante o regime escravocrata. Essa crença interferiu e ainda interfere na representação construída em nossas sociedades a respeito do negro escravizado e dos afrodescendentes na atualidade.

É fundamental que conheçamos a origem deste tipo de crença, como ela interfere na visão que temos sobre os negros e no modo pelo qual nos relacionamos com eles. Essa visão, que atribui passividade à população negra, tem efeitos perversos na construção da autoestima e identidade das pessoas negras. Acreditamos que essa concepção equivocada baseada em uma suposta passividade dos negros é limitada e pode gerar nas pessoas brancas um sentimento de superioridade, contribuindo ainda mais para a perpetuação do racismo em nossa sociedade.

Portanto, procuramos discutir com os educandos sobre o equívoco historiográfico que nos transmitiu a crença na passividade do negro escravizado no Brasil e em seu conformismo diante do processo de escravização.

Detectamos, através de diálogos que realizamos com os alunos, o pouco conhecimento que os mesmos possuíam sobre os processos de resistência da população negra ao longo da história.

Essa concepção está enraizada no imaginário de grande parte da sociedade brasileira, que também desconhece os processos de luta e organização dos negros escravizados e dos seus descendentes durante e após o período escravagista.

Com relação à temática das comunidades quilombolas da atualidade, percebe-se o pouco espaço que se dedica ao assunto na mídia em geral e em nossa sociedade. As questões envolvendo a temática quilombola atual envolvem dois elementos conflituosos e tensos da sociedade: raça e terra. Essa tensão se reflete na maneira como tal temática é tratada na sociedade, não merecendo destaque nem nos meios de comunicação nem nas políticas públicas.

O estudo das comunidades quilombolas na atualidade é de fundamental importância para contribuir para a percepção de que a luta da população negra não terminou com o fim da escravidão, continuando na atualidade.

Acreditamos que os educandos não podem ficar distantes das demandas das comunidades quilombolas, uma vez que nessas comunidades encontramos vários elementos relacionados à cultura e resistência dos afrodescendentes.

Outra temática que procuramos abordar na execução do plano de ação está relacionada com a história da África antes e após o período de colonização. A história da África antes da chegada dos colonizadores não era considerada relevante o bastante para ser tratada nas escolas. De acordo com Munanga (1982),

esse currículo eurocêntrico torna o aluno negro invisível em sala de aula, uma vez que suas origens, cultura e história não são tratadas de forma adequada. De acordo com a Fundação Carlos Chagas (1986), esse currículo eurocêntrico das escolas é um dos fatores responsáveis pelos altos índices de repetência e evasão do aluno negro. No caso específico do EJA, esse currículo eurocêntrico é ainda mais perverso, uma vez que, diante de um total de alunos majoritariamente formado por negros, apenas uma minoria dos alunos se sente representada no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

No ano 2011, elaboramos o Projeto Político Pedagógico do EJA da EMPMA. Pensando nessas questões e orientados quanto à importância da Lei 10639/2003, buscamos a aprovação da Secretaria para a realização de uma reformulação pedagógica na escola, pautada nas orientações da lei 10639/2003, com a inclusão de várias temáticas relacionadas à História da África e à cultura afrodescendente na grade curricular da EJA.

No entanto, acreditamos que a Lei 10639/2003 ainda não se efetivou em sala de aula, uma vez que os professores que trabalham com EJA não possuem formação adequada para trabalhar a história da África com seus alunos. Por esta razão, a educação eurocêntrica que recebemos no passado não atende de forma satisfatória às expectativas dos sujeitos da EJA.

Como não recebemos uma formação adequada sobre a História da África e seus descendentes, dificilmente poder-se-ia realizar um trabalho satisfatório e que contemplasse as orientações da Lei 10639/2003.

É importante esclarecer que, não possuindo formação específica em História ou Geografia, recebi uma educação tendenciosa e reducionista sobre a história da África.

Trabalhar com várias disciplinas gera uma dificuldade em organizar, planejar e executar as atividades propostas. Passamos grande parte do tempo pedagógico estudando os diversos conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula.

No entanto, considero enriquecedor trabalhar com várias disciplinas, uma vez que posso transitar entre várias áreas do conhecimento, melhor dizendo, trabalhar de forma mais efetiva a transdisciplinaridade. Como exemplo, é possível se desenvolverem reflexões relacionadas aos antibióticos, à peste bubônica, ao escorbuto, à revolta da vacina e a tantos outros assuntos passíveis de abordagem

em diferentes saberes. Podemos com frequência refletir juntamente com o aluno sobre que tipo de conhecimento produzido pode ser decisivo para o sucesso de uma civilização.

Na escola em que estudei durante período ditatorial, aprendi a exaltar personagens das elites brancas como D. Pedro I, Duque de Caxias, Princesa Izabel e até mesmo alguns Bandeirantes. Entretanto, aspectos relacionados à cultura e resistência da população negra não eram abordados na escola - Zumbi e Ganga-Zumba não eram valorizados.

Diante dessa dificuldade, nos anos 2011, 2012 e 2013, as temáticas relacionadas à história da África foram pouco trabalhadas em sala de aula, uma vez que a falta de informação e conhecimento adequados geraram muita insegurança e dificuldade no trabalho com os conteúdos relacionados à história da África e cultura afro-brasileira. Dentro desse contexto, na hora de selecionar os tópicos que deveriam ser trabalhados com os alunos, priorizei aquela educação eurocêntrica que tinha recebido quando cursei o ensino fundamental e médio.

Em 2014, iniciei o curso de educação para Relações étnico-raciais ministrado pelo LASEB através de um convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Esse curso nos proporcionou segurança e conhecimentos para desconstruir os estereótipos negativos que os educandos possuem sobre história da África e sobre a cultura afro-brasileira. Portanto, resolvi através do plano de ação revelar para o educando a história de uma África até então desconhecida, isto é, uma África que possuía vários reinos e civilizações de grande importância para a história da humanidade, mesmo antes da chegada do colonizador europeu.

Um dos fatores que contribuíram e muito para a execução do plano de ação está relacionado com a excelente infraestrutura que a escola possui, além da colaboração de todos os profissionais da escola que trabalham no período noturno. Alguns espaços escolares, como o auditório e o laboratório de informática, foram usados com muita frequência. O número reduzido de turmas no período noturno contribuiu para que esses espaços ficassem disponíveis para utilização. Além da minha presença, a professora de português e a monitora do laboratório de informática contribuíram diretamente para a execução da intervenção pedagógica.

Devemos abordar outras perspectivas sobre a História do Brasil, refletindo juntamente com nosso educando do EJA da EMPMA sobre a importância de muitos

personagens negros que tiveram destaque ao longo da nossa história, tais como Ganga-Zumba Zumbi, André Rebouças, Luís Gama e tantos outros.

Priorizei, no plano de ação, os processos de resistência da população negra, os heróis negros brasileiros e mundiais, além do estudo da historiografia da África sob o ponto de vista do colonizado. Dessa forma, procurou-se esclarecer ao aluno, através do plano de ação, que a África possuía vários reinos e civilizações de grande importância para a história da humanidade. Deve-se refletir com o aluno sobre outras possibilidades de estudo sobre a África, enfatizando a relevância dos conhecimentos científicos, filosóficos, bem como sobre a organização social e política que os povos africanos possuíam em períodos anteriores ao tráfico de escravos. Dessa maneira, devemos desconstruir, na prática pedagógica, o eurocentrismo, refletindo sobre outras possibilidades de estudo acerca do continente africano.

1.1 - Minha Experiência como Aluno e como Educador

A minha trajetória como educador começou após a conclusão do curso de magistério a nível ensino médio que havia anos atrás em escolas públicas do Brasil.

Durante a realização desse curso de Magistério, tive a oportunidade de estudar disciplinas como Psicologia da Educação, Didática e Metodologia de Ensino. A realização de um estágio supervisionado era requisito obrigatório para a conclusão do curso.

Na época em que realizei o curso de Magistério (1977 a 1979) a sociedade brasileira vivia sob regime ditatorial que passara a vigorar no Brasil desde 1964. O ensino era totalmente centrado na figura do professor, sendo o aluno um receptor passivo dos conhecimentos transmitidos pelos professores. A grande autoridade exercida em sala de aula pelo professor era uma das características marcantes do ensino naquela época. Todos os atos de indisciplina cometidos pelos alunos eram punidos de forma bastante rigorosa. Além disso, os conteúdos trabalhados em sala de aula privilegiavam sempre as camadas hegemônicas da nossa sociedade. Os grandes problemas brasileiros relacionados às desigualdades sociais e, principalmente, raciais eram praticamente ignorados nos currículos escolares. Havia uma extrema valorização do eurocentrismo no ensino de história, além de uma

grande valorização dos governantes e da Nação na História do Brasil. As datas comemorativas mais importantes do calendário escolar eram relacionadas à exaltação dos personagens considerados grandes heróis nacionais, como Duque de Caxias, D. Pedro I, Tiradentes, Princesa Isabel e tantos outros, que sempre representaram os interesses das camadas hegemônicas da nossa sociedade.

No período em que cursei o ensino fundamental e o ensino médio, era bastante reduzido o número de alunos negros em sala de aula. Os indivíduos das classes mais populares tinham dificuldade de ter acesso às escolas públicas, uma vez que não havia vagas para todos. Dessa forma, a maioria dos alunos negros ficava fora da escola, já que eram excluídos pelos diferentes exames de seleção existentes na época.

Em 1988, concluí o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Julgo pertinente destacar que, após a conclusão do curso superior, comecei a trabalhar em escolas particulares. No ano de 1990, após ser aprovado em concurso realizado pelo Colégio Pitágoras, fui contratado para trabalhar no Equador, na cidade de Guayaquil. Nessa época, grandes construtoras brasileiras atuavam no exterior, tais como Camargo Correia, Mendes Júnior e Norberto Odebrecht. A maioria dos brasileiros que iam trabalhar para essas construtoras no exterior levava os filhos e outros membros de seu grupo familiar. Portanto, era necessária uma escola que atendesse aos filhos dos trabalhadores dessas construtoras. Nesse contexto, foram criadas várias escolas para os familiares dos brasileiros que atuavam no exterior através de um convênio realizado entre o Colégio Pitágoras e essa construtora. Então, em 1990 fui contratado para lecionar as disciplinas de Ciências, Biologia e Química para as turmas de ensino fundamental e médio. Foi uma experiência muito enriquecedora, uma vez que tive a oportunidade de conhecer um pouco a língua e a cultura de povos diferentes. No ano de 1991, houve uma grande redução das turmas de ensino fundamental e médio, inviabilizando minha permanência como professor do Colégio Pitágoras em Guayaquil. Diante dessa situação, fui novamente contratado pelo Colégio Pitágoras para trabalhar em Porto Velho, no estado de Rondônia. Trabalhei nessa escola pelo Colégio Pitágoras durante um ano. Lecionava os conteúdos de Ciências, Biologia e Química. As turmas apresentavam um número excessivo de alunos e o salário que eu recebia

não era atraente. As escolas públicas de Porto Velho eram de péssima qualidade, além de não possuírem uma infraestrutura adequada que favorecesse um ensino de qualidade. Além disso, os salários pagos aos professores eram péssimos e muitos destes não possuíam habilitação adequada para executar de forma satisfatória o seu trabalho de professor. Diante dessa situação, o colégio Pitágoras, por oferecer um ensino de qualidade, era muito procurado pelas elites econômicas da cidade.

O modelo de ensino desenvolvido pelos professores do Colégio Pitágoras era extremamente eurocêntrico. As temáticas relacionadas com as desigualdades sociais eram pouco abordadas em sala de aula. Na época, tínhamos dificuldades em problematizar as causas relacionadas às desigualdades sociais em sala de aula, talvez porque a quase totalidade dos alunos eram das classes hegemônicas. Assuntos relacionados à discriminação e ao preconceito racial eram totalmente ignorados em sala de aula. O modelo de educação de grande parte das escolas particulares visa facilitar ao aluno seu acesso a um curso superior. Considero muito acertada a decisão dos responsáveis pela elaboração do ENEM de se incluir nas provas das diversas áreas do conhecimento um número significativo de questões envolvendo temáticas raciais. A inclusão de questões relacionadas à história da África e à cultura afro-brasileira nas provas do ENEM certamente contribuirá para que o continente africano e a cultura afro-brasileira tenham mais visibilidade nos estabelecimentos de ensino particular no Brasil.

No período entre 1992 a 1993, trabalhei como professor em diversas Escolas Estaduais de Belo Horizonte. Em 1994, após aprovação em concurso público, fui nomeado pela Prefeitura Municipal de Contagem e passei a trabalhar como professor de Ciências em uma das escolas de EJA do município de Contagem. Em 1995, fui admitido pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, passando a atuar como professor de Ciências na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade. No período de 1995 até 2008, trabalhei como professor de Ciências em várias turmas de três ciclos no turno da manhã. Em 2009, transferi meu cargo para o turno da noite. Atualmente, trabalho com os conteúdos de Ciências, Geografia e História em duas turmas de EJA da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade. Portanto, toda a minha trajetória de professor da rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte ocorreu na mesma escola.

A minha permanência em uma mesma escola contribuiu para uma maior identificação e compreensão dos principais problemas enfrentados pelos nossos educandos.

A partir do momento em que passei a conhecer as dificuldades e características dos educandos, tive melhores condições de desenvolver um ensino de melhor qualidade. Além disso, permanecer por tanto tempo em uma mesma escola facilita a realização e a continuidade dos projetos desenvolvidos nas diferentes turmas de EJA da EMPMA.

No decorrer de toda a minha experiência como educador, percebo que um dos maiores desafios é o desenvolvimento de um ensino de qualidade que possa atender às expectativas da grande diversidade de educandos. Cada qual tem expectativas, ritmos de aprendizagem e motivações diferentes em relação aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Ao longo de toda a minha trajetória profissional, tenho presenciado, nas escolas onde tenho trabalhado, a inoperância do modelo educacional praticado no que se refere ao atendimento às expectativas dos alunos negros. Em algumas turmas, ocorre certo desinteresse por parte da maioria dos alunos em participar efetivamente das atividades propostas em sala. Nos diversos conselhos de classe e em reuniões com coordenadores escolares, tenho presenciado com frequência a insatisfação da maioria dos professores com os resultados obtidos através de sua prática pedagógica. O desinteresse dos alunos pelas aulas, associado à indisciplina e ao baixo rendimento escolar, remete a um questionamento sobre minha prática pedagógica. Para se desenvolver um fazer pedagógica de qualidade e que contribua para o sucesso do aluno negro na escola, considero pertinente detectar os principais elementos relacionados ao fracasso escolar desses alunos. Faço as seguintes indagações: Será que a indisciplina é uma resistência do aluno em aceitar o currículo e a prática pedagógica desenvolvida pela escola? Como possibilitar que o aluno negro seja sujeito ativo de sua própria educação? O desinteresse de alguns alunos negros em participar efetivamente das atividades escolares está relacionado com o modelo eurocêntrico de educação desenvolvido? Por que os casos de indisciplina são, na maioria das vezes, associados aos alunos negros? A expectativa negativa do professor em relação ao aluno negro contribui para o fracasso escolar desse aluno?

Durante o curso de especialização em educação para as relações étnico-raciais que realizei na UFMG, a compreensão dessas questões, colocadas como objeto de reflexão, se torna perceptível – mas, ainda assim, demandam estudos mais criteriosos e elaborados, que transcendem o escopo do presente trabalho. Ainda a respeito de tais questões, tenho percebido que os meios de comunicação responsabilizam com frequência professores e alunos pelo fracasso da educação brasileira, isentando da responsabilidade o Estado. NASCIMENTO (2012, p.34,35) destaca:

Nas escolas públicas, onde os negros são maioria, os instrumentos utilizados para avaliar índices de aprendizagem e desempenho dos alunos e os dados coletados vêm perpetuando um discurso sobre evasão e repetência, que atribuem a responsabilidade desses resultados aos alunos e professores. O mais agravante desse quadro é o processo de estigmatização resultante dessas análises, que identificam a incapacidade dos alunos negros em aprender e a falta de compromisso dos professores em ensinar, isentando o Estado, de sua responsabilidade e, tirando o foco da discussão em torno do modelo de educação que não contempla a diversidade humana.

No entanto, a partir da Lei 10639/03, a história da África e a cultura afro-brasileira passaram a ser temáticas obrigatórias nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do Brasil. Dessa forma, o governo federal fez modificações nos currículos com o objetivo de contemplar a diversidade étnica existente nas escolas. A desconstrução de estereótipos negativos dos povos africanos e a valorização da cultura dos afrodescendentes são os principais objetivos da lei. Tenho presenciado, em toda a minha trajetória profissional, o fato de que os casos de evasão, repetência, indisciplina, além dos baixos índices de aproveitamento escolar estão associados, na maioria dos casos, com os alunos negros. O modelo eurocêntrico de educação surge como uma hipótese para explicar, em parte, esses dados relacionados com o fracasso escolar do aluno negro.

Cabe ao professor seguir as diretrizes da lei, apresentando ao aluno outras possibilidades de estudo sobre a cultura africana e afro-brasileira, neutralizando o caráter eurocêntrico enraizado nas práticas pedagógicas adotadas em nossas escolas.

O governo federal, através da Lei 10639/03, contribuiu para a contemplação da diversidade étnica existente nas escolas. Portanto, o trabalho executado procurou seguir as orientações da lei para contribuir com uma prática pedagógica que

valorizasse a cultura e as ancestralidades dos afrodescendentes, que são maioria nas escolas públicas.

O trabalho proposto está relacionado com um desafio pessoal de desenvolver, nas turmas de EJA, novas alternativas pedagógicas que favoreçam a valorização das diversas identidades existentes na escola.

Diante desse cenário, ressalto que, sendo os estabelecimentos de ensino multiculturais e raciais, acredito que diante de currículos e propostas pedagógicas que valorizem a aprendizagem da história de povos de todo o mundo e da cultura que cerca a sociedade, teremos uma sociedade mais justa, igualitária e comprometida com suas raízes culturais. Assim, a Lei 10.639/03 vem como uma forma de garantir diretrizes de aprendizagem a milhares de alunos brasileiros, buscando “superar a valorização da diversidade cultural como mero folclore, tentando articular essa valorização com o desafio às desigualdades e a construção das diferenças a elas associadas”. (CANEN, 2004 apud VALENTIN e BACKES, 2008, p3).

Para trabalhar a desconstrução de Saberes cristalizados, destaco (PEREIRA, 2004.n.p) COSTA e Dutra (2009, p1):

Descolonizar o saber é o primeiro passo na luta contra o preconceito racial. A educação tem fundamental importância nesta luta, pois se acredita que o espaço escolar seja responsável por boa parte da formação pessoal dos indivíduos, sendo assim um ambiente fundamental para superação das desigualdades raciais e superação do racismo.

1.2 - Contextualização da Escola

A Escola Municipal Professor Moacyr Andrade está localizada à Rua dos Caçadores, 93 no bairro Vila Santa Branca, na região de Venda Nova. Essa escola foi inaugurada no ano de 1986, ocasião em que Sérgio Ferrara era Prefeito de Belo Horizonte. Até o ano de 1994, a escola atendia exclusivamente aos alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental no turno da manhã e da tarde. No ano de 1995, passou a receber matrículas de alunos do 2º e 3º Ciclos do ensino fundamental no turno da manhã. Portanto, cheguei em 1995 à Escola Municipal Professor Moacyr Andrade para lecionar para as turmas do 2º e 3º ciclo que foram criadas no turno da manhã. No turno da noite, desde o ano de 1986, havia turmas de todas as séries do ensino fundamental.

Até o final da década de 1990, havia 18 turmas de ensino fundamental no período noturno. A partir do ano 2000, começou a ocorrer uma redução de turmas no período noturno. No ano de 2011, o ensino regular noturno foi substituído pela modalidade EJA. Em 2012, além da modalidade EJA, a escola passou a oferecer o Programa de Aceleração de Estudos, destinado aos jovens de 15 a 19 anos que ainda não concluíram o ensino fundamental. Esse programa de aceleração de estudos é conhecido pelo nome de Floração e sua metodologia é baseada no Novo Telecurso da Fundação Roberto Marinho. Em 2014, havia na EMPMA duas turmas Floração e duas turmas da modalidade EJA. Através de informações veiculadas pela Secretaria Municipal de Educação, tomei conhecimento de que a modalidade de ensino denominada Floração não seria oferecida no ano de 2015.

É importante enfatizar que a EMPMA está localizada em região de grande vulnerabilidade social, sendo contemplada por muitos projetos da Secretaria Municipal de Educação em parceria com o governo federal. Os projetos implementados até o momento são os seguintes: Escola Aberta, Escola Integrada e o projeto denominado Segundo Tempo.

Um dado que vem preocupando bastante a comunidade escolar da EMPMA é o aumento da violência no bairro onde se situa a escola. Muitos alunos do período noturno sentem-se inseguros e faltam às aulas quando ocorre algum caso de violência no bairro.

Apesar disso, a EMPMA apresenta uma infraestrutura excelente para que se possa desenvolver, de forma adequada, o processo de ensino e aprendizagem. A escola possui um amplo auditório, uma quadra esportiva coberta, um laboratório de informática com 20 computadores, um laboratório de Ciências, uma excelente biblioteca, além de uma quadra de esporte descoberta. A escola possui também várias televisões e todo o equipamento indispensável para a exibição de filmes no auditório da escola.

Nos últimos anos, tem-se percebido maior atenção e investimento do poder público na escola, através da criação e ampliação de vários projetos educacionais.

Atualmente, há 18 turmas no turno da manhã e 18 turmas no turno da tarde. No noturno, há, até o momento, duas turmas de Floração e três turmas de EJA.

1.3 - Perfil do Aluno Envolvido no Projeto

O plano de ação foi desenvolvido no 2º semestre de 2014, em duas turmas de EJA do ensino fundamental, no turno da noite, na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade. Esta escola da rede municipal de ensino de Belo Horizonte está localizada à Rua dos Caçadores, 93 no bairro Vila Santa Branca, na regional Venda Nova do município de Belo Horizonte.

A modalidade de ensino EJA existe na EMPMA desde 2011. Atualmente, funcionam três turmas de EJA na instituição. Essas turmas são formadas tendo como critério o grau de escolarização e as dificuldades cognitivas dos alunos. Uma das turmas é formada por alunos, em sua maioria, adultos que acumulam as maiores dificuldades de aprendizagem, sendo que muitos não são alfabetizados. Essa turma é considerada EJA modalidade inicial, tendo apenas uma única professora. As outras duas turmas são consideradas EJA modalidade Certificação e que foram escolhidas para serem sujeitos no presente trabalho. Todos os alunos dessas duas turmas são alfabetizados e possuem grau de escolarização e aprendizagem superior ao dos alunos da turma EJA modalidade inicial. Essas turmas possuem dois professores: uma professora que trabalha com conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Inglês e Artes; e o autor do presente trabalho, que atualmente trabalha com os conteúdos de Ciências, Geografia e História.

Em uma mesma sala de EJA da EMPMA estão matriculados jovens com idade inferior a dezoito anos e alunos adultos, alguns com idade superior a quarenta anos. Percebemos que a maioria dos alunos adultos possui, na maioria das vezes, um ritmo de aprendizagem mais lento quando comparado ao dos alunos adolescentes. Os alunos adultos do EJA têm uma vivência de mundo adulto mais ampla, com emprego, família para sustentar, preocupações e estresse. Mas isso não significa que os jovens não tenham suas questões, entretanto entende-se que é preciso atentar para as especificidades e exigências vivenciadas ao se ingressar no mundo adulto, tendo em mente que estas podem repercutir nos diferentes ritmos de aprendizagem desses dois grupos. Acreditamos assim que esses fatores podem influenciar negativamente o ritmo de aprendizagem. No entanto, é preciso destacar os alunos adultos dessas duas turmas de EJA do ano de 2014 conseguiram, quase sempre, obter um rendimento escolar superior ao dos alunos mais jovens,

avertando-se a hipótese de que talvez sejam mais dedicados aos estudos do que estes. Percebe-se que o aluno adulto, quando presente em sala de aula, procura se dedicar inteiramente aos estudos. O mesmo não ocorre com os jovens, uma vez que os mesmos são mais dispersos, mantendo muitas vezes a atenção voltada para assuntos alheios aos temas abordados em sala de aula.

No ano de 2014, trabalhei apenas com duas turmas de EJA, portanto, o projeto foi desenvolvido nessas duas turmas. Em uma dessas turmas, denominada EJA A, estavam matriculados 32 alunos. Nessa turma, havia predominância de alunos jovens, tendo poucos alunos com idade superior a 20 anos. Nessa turma, alguns alunos matricularam-se e nunca compareceram às aulas; outros abandonaram a escola ao longo do ano. Dos 32 alunos matriculados, apenas 15 mantiveram frequência satisfatória durante o ano. Desses 15 alunos com frequência satisfatória, apenas 12 foram certificados, melhor dizendo, concluíram o ensino fundamental ao final do ano.

No entanto, consideramos pertinente esclarecer que os alunos evadidos do EJA, quase sempre retornam a escola nos anos seguintes, aproveitando a carga horária e os conhecimentos obtidos para o processo de certificação e conclusão do ensino fundamental. Nessa modalidade de EJA os alunos evadidos são estimulados a retornar à escola para concluírem o ensino fundamental, uma vez que os conhecimentos assimilados e a carga horária obtida nos anos anteriores são aproveitados no processo de certificação do aluno. Com relação ao pertencimento racial dos alunos da turma EJA A, podemos afirmar que em sua maioria, essa turma é constituída por alunos pardos e pretos. Em sala de aula, as “brincadeiras” de teor racista, quando acontecem, são sempre direcionadas para aqueles alunos que possuem em sua constituição física as características mais acentuadas da raça negra. No entanto, no decorrer da execução do plano de ação, isto é, durante os meses de setembro a dezembro, essa turma só apresentava um aluno com tais características. Durante as aulas, esse aluno procurava se sentar no fundo e nos cantos da sala de aula. Esse aluno era sempre o alvo das “brincadeiras” racistas por parte dos seus colegas. No entanto, essas brincadeiras racistas foram se tornando cada vez mais raras durante o ano letivo.

A outra turma de EJA cujos alunos foram sujeitos no projeto ficou conhecida como EJA B e era constituída por 35 educandos com faixa etária entre 16 a 58 anos. O número de alunos adultos desse grupo era bastante expressivo, ficando assim conhecida como turma dos adultos. Com relação ao pertencimento racial, a turma era constituída em sua maioria por pardos e negros.

É importante destacar um jovem homossexual pertencente à turma. No início, começou muito inseguro e temeroso de estabelecer relações de amizade com os outros jovens. Podemos problematizar se a insegurança desse jovem não estava relacionada ao medo de não ser aceito pelos demais alunos. Acompanhando a turma, percebemos que esse aluno homossexual foi aos poucos estabelecendo relações de amizade com os outros colegas de sala, ele que, chegando à escola no mês de maio, começou apresentando um número excessivo de faltas. Uma hipótese para essas ausências seria o receio de ser ridicularizado devido a sua opção sexual. Percebemos que se tratava de um aluno inteligente, educado e com uma formação cultural que facilitava seu trânsito pela cultura escolar. No entanto, esse aluno demonstrava dificuldade em participar de debates e reflexões sobre temáticas da atualidade. Fiquei muito atento à postura daquele aluno, sendo extremamente gratificante verificar que o mesmo conseguiu superar os principais obstáculos que teria de enfrentar na escola, impostos pela postura preconceituosa dos colegas de turma.

Com relação a esse tipo de situação, o curso do qual participamos no LASEB contribuiu para que nos mantivéssemos mais atentos às questões de diversidade em sala de aula. Enfim, gostaria de ressaltar que esse aluno homossexual passou a participar dos debates, sendo mais assíduo às aulas, obtendo no final do ano sua certificação e, conseqüentemente, concluindo o ensino fundamental. Certamente, o curso do qual participamos no LASEB foi fundamental para o aprimoramento da minha formação profissional. Com relação à participação desse curso, obtivemos conhecimentos e segurança para trabalhar de maneira mais adequada às questões relacionadas com a diversidade em sala de aula.

Tanto o aluno negro quanto o aluno homossexual apresentavam dificuldades em ser acolhidos pelos colegas de turma. No entanto, no decorrer do ano, esses dois alunos passaram a ser mais bem aceitos e, com isso, o ambiente escolar passou a ser mais acolhedor. O trabalho cujo desenvolvimento abordava o respeito

às diferenças e à diversidade surge como hipótese mais plausível para explicar a mudança de comportamento da turma em relação a esses dois alunos. Dessa forma, o ambiente escolar tornou-se mais adequado ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para um melhor desempenho escolar por parte desses dois alunos.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - A Importância dos Estudos sobre a África Pré-Colonial

Os estudos sobre a historiografia da África pré-colonial proporcionarão um conhecimento sobre um povo que teve sua história negada, além de possibilitarem ao aluno da EJA uma capacidade crítica e reflexiva quanto a sua própria condição de afrodescendente. No caso específico da EJA, esses conhecimentos sobre a África serão ainda mais justificados e necessários, uma vez que a maioria dos educandos é descendente de africanos. Estudar a África é valorizar a ascendência de mais da metade da clientela da EJA. No entanto, para que possamos problematizar o ensino sobre a África, é necessário que tenhamos conhecimento suficiente do assunto que abordaremos em sala de aula. Além dessas limitações, na EJA da EMPMA, a maioria dos alunos que são frequentes conclui o ensino fundamental em apenas um ano, tendo-se um tempo reduzido para se trabalhar todo conteúdo de história que apresenta relevância para o educando.

Outro fator limitador, reconhecido por todas as entidades que combatem o racismo no Brasil, é o de que a invisibilidade experimentada pelas temáticas referentes à África e à cultura afro-brasileira em sala de aula contribui para a manutenção do racismo nas escolas e, conseqüentemente, em nossa sociedade.

Dessa forma, entendemos que o racismo pode ser explicado em parte pelo desconhecimento que o povo brasileiro possui da África e da cultura afro-brasileira. Certamente, o racismo presente na escola será minimizado quando o educando perceber que os povos africanos foram e ainda são detentores de uma história rica e relevante, e que em muito contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira e também da civilização ocidental.

2.2 - Imagens veiculadas sobre a África ao longo da história

Até hoje, as imagens que são veiculadas sobre a África quase sempre colocam em destaque os aspectos negativos, como atraso, guerras tribais, selva,

fome, AIDS etc. Dificilmente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens de reis e muito menos as de uma cidade moderna africana.

Em contrapartida, não faltam imagens e registros históricos que enfatizaram os aspectos positivos e autênticos do continente africano. Os viajantes árabes que se aventuraram nos países da África ocidental entre os séculos IX e XI, e os navegadores portugueses que, no início da era das grandes navegações do século XV, começaram a se aventurar mais ao sul da África, sistematicamente descreviam as sociedades africanas com bastante admiração. Em seus relatos, esses viajantes descreveram com admiração as organizações sociais e políticas dos povos africanos.

Dessa maneira, até pouco antes da era colonial moderna, era comum encontrarem-se imagens positivas sobre o continente africano. Os aspectos relacionados com a natureza e as paisagens eram descritos com simpatia e lirismo; as mulheres eram consideradas bonitas e faziam parte dos padrões de beleza da época. Após a Conferência de Berlim em 1885, que definiu a partilha colonial do continente africano entre os diversos países europeus interessados em explorar política e economicamente esse continente, as imagens positivas sobre a África começaram a se tornar cada vez mais raras. O africano inocente foi substituído pela imagem de subumanos para que assim se justificasse a invasão, a manutenção dos processos de colonização, a exploração econômica e a sujeição dos africanos.

As belezas naturais dos territórios e dos povos da África foram substituídas pela barbárie e outros horrores da selva para justificar a Missão Civilizadora, de responsabilidade dos povos colonizadores. Dessa forma, os africanos se tornaram sem cultura, sem história, sem identidade e envoltos pela bestialidade. Para legitimar o processo de colonização das sociedades africanas, as imagens de reinos e impérios avançados foram substituídas por tribos primitivas, ignorantes e anárquicas.

Até hoje, os meios de comunicação de massa transmitem uma ideia muito equivocada e reducionista do continente africano. Alguns filmes como os de Tarzan contribuem para a elaboração e confirmação de estereótipos negativos do continente africano, uma vez que descrevem as pessoas negras como primitivas, ignorantes, e de pouca sabedoria. Dessa forma, os personagens brancos são os que

levam os saberes, a religião, as formas de cultivar a terra e a saúde às pessoas negras que nada ou pouco sabem.

A distorção da história africana está entre os maiores responsáveis pela perpetuação da imagem dos negros como tribais, primitivos e atrasados. Portanto, as comunidades de origem africana nas Américas sofrem até hoje a falta de referência histórica que lhes possibilitaria uma autoimagem positiva.

Atualmente, verificamos o anseio da população negra em buscar informações capazes de desconstruir todos os estereótipos negativos aos quais estão submetidos os afrodescendentes. Por esta razão, o conhecimento da riquíssima história do continente africano e também dos vários reinos e civilizações africanas é de grande importância para a humanidade e contribuirá em muito para que o afrodescendente tenha admiração e orgulho de sua ancestralidade.

2.3 - Teoria Racial do Século XX

Entre 1833 e 1855, o conde francês Joseph Arthur Gobineau escreveu o livro sobre as desigualdades das raças humanas, no qual defendia a desigualdade entre os seres humanos em virtude das diferenças inerentes a cada raça. O autor postulava a superioridade da raça branca sobre as demais, e nela distinguia os povos arianos, os alemães, como o povo mais civilizado. Segundo ele, o destino das civilizações é determinado pela composição racial. Dessa forma, os brancos, em especial as sociedades arianas, seriam aquelas que mais prosperariam desde que ficassem livres dos pretos e amarelos. Assim como outros pensadores da época, ele acreditava que as características físicas determinavam o caráter e as faculdades intelectuais das pessoas. Da mesma forma, defendia a hierarquização das raças e a superioridade dos brancos. A ideia de Gobineau que mais repercutiu foi sobre as consequências nefastas da miscigenação. Segundo ele, a mistura de raça humana levaria a humanidade a níveis cada vez maiores de degenerescência. Para Gobineau, a queda do Império Romano ocorreu por que os mesmos se descuidaram da manutenção e preservação da sua superioridade racial. Para aquele pensador, os romanos, ao se miscigenarem com os povos vencidos, inocularam-se com o sangue das raças derrotadas, o que os levou a um enfraquecimento genético e à

inevitável decadência. A raça branca deveria evitar a miscigenação a fim de preservar a sua cultura e a sua superioridade étnica.

Gobineau interpretava a história sobre o prisma do conflito de raças e acreditava, por exemplo, que a Revolução Francesa de 1789 foi uma vitória da raça inferior, de origem celta-romana que ainda existia na França. Esse pensador não revelava nenhuma preocupação com as desigualdades sociais, tendo suas ideias preconceituosas e racistas usadas para justificar a manutenção os privilégios das elites hegemônicas da sociedade da época.

Gobineau viveu na corte do Rio de Janeiro como enviado francês entre 1869 e 1870 e suas ideias encontraram adeptos entre a elite intelectual da época. Seguindo o pensamento dele, muitos pensadores brasileiros consideravam a mestiçagem, característica do Brasil, um componente da degeneração da população e da inevitável falta de perspectiva do país.

2.4 - A Política da Mestiçagem no Brasil

Em 1911, João Batista Lacerda, médico, antropólogo e diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, participou do I Congresso Universal das Raças, em Londres. Nesse congresso, ele expôs a sua tese “Sur lês metis ao Bresil”. As principais ideias relacionadas a essa tese foram descritas no livro História e Cultura africana e afro-brasileira da Editora Moderna. Considero pertinente destacar alguns tópicos sobre essa tese, uma vez que a mesma representa o pensamento de parcela significativa dos intelectuais brasileiros da época. João Batista Lacerda acreditava no poder do branqueamento para regenerar a população brasileira, majoritariamente negra e mestiça. Para ele, o ingresso de imigrantes europeus era um fator indispensável para introduzir o sangue dos brancos na população brasileira civilizando assim o Brasil. Lacerda defendia que, com a presença maciça de europeus, o país se tornaria um país branco em aproximadamente cem anos. A mestiçagem, a princípio maléfica, constituía uma etapa importante e, acima de tudo, passageira no processo de branqueamento.

As ideias dos intelectuais que defendiam o branqueamento da população brasileira foram decisivas para o governo brasileiro incentivar a vinda de milhares de imigrantes europeus entre os séculos XIX e XX. Portanto, a vinda de imigrantes foi a

solução encontrada pela elite para branquear física e culturalmente o Brasil e também para resolver o problema da mão de obra para o mercado de trabalho existente. No entanto, esses imigrantes vieram para executar um trabalho que a população negra sabia realizar muito bem. A grande população negra disponível para ser utilizada no trabalho funcionava como maça de manobra no sentido de fazer com que os imigrantes que ali chegavam se sujeitassem a receber salários extremamente baixos. De acordo com os estudos sobre as temáticas raciais, essa ideologia do branqueamento teve como consequência a ausência de políticas públicas de inclusão voltadas aos antigos escravos e seus descendentes após a abolição, já que se esperava o desaparecimento dos negros em curto prazo.

Em contrapartida, havia intelectuais que discordavam do programa de branqueamento do governo. Os médicos Manoel Bonfim e Juliano Moreira constituem exemplos de intelectuais contrários à política de branqueamento do Brasil.

As ideias de Manoel Bonfim são contrárias ao racismo científico predominante na época. Para Bonfim, a trajetória de sucesso ou fracasso de um povo são consequências de um processo histórico específico e não determinadas por traços físicos existentes nas raças. Bonfim relatava o caráter ideológico do racismo científico e acreditava no poder transformador da educação como instrumento para melhorar a formação da população.

De acordo com este raciocínio, a implementação de uma reforma agrária logo após o período escravagista possibilitaria aos negros o acesso a terra e aos meios de produção. Essa reforma agrária seria uma forma do governo brasileiro reparar um pouco as injustiças cometidas contra os povos negros durante o período escravocrata. No entanto, não houve reforma agrária e os negros ficaram sem perspectivas de emprego, uma vez que os imigrantes que chegaram ao Brasil passaram a ocupar o lugar do negro nas frentes de trabalho. Nos tempos da colônia, os empregos disponíveis para os negros eram relacionados a atividades degradantes para os brancos. Além disso, a população negra estava proibida de exercer cargos públicos, militares e religiosos.

2.5 - A Inexistência do Conceito Biológico de Raça

Em tempos passados, a crença de que raças humanas possuíam diferenças genéticas acentuadas e bem delimitadas contribuiu para justificar a discriminação e a colonização de diferentes povos. Atualmente, porém, os avanços da genética molecular revelam que os rótulos previamente usados para distinguir raças não representam significado biológico.

A cor da pele é determinada pela quantidade de um pigmento protetor denominado melanina existente na derme. A melanina existente na derme tem função protetora, uma vez que é capaz de filtrar parte da radiação solar. A melanina é encontrada em maior quantidade em pessoas de pele negra. De acordo com todas as evidências científicas, os primeiros seres humanos se originaram no continente africano. A seleção natural atuava de uma forma muito acentuada nos primórdios da evolução humana. Em ambientes de elevadas temperaturas, a pele negra constituiu uma vantagem adaptativa considerável. Atualmente, a maioria dos pesquisadores entende que os primeiros seres humanos surgiram na África e possuíam pele negra. Posteriormente, alguns grupos dos primeiros hominídeos saíram da África e migraram para outros continentes. Em regiões de clima frio, a pele negra se tornou uma desvantagem, passando a seleção natural a favorecer os indivíduos que possuíssem pele clara.

Da mesma forma que a cor da pele, algumas características físicas externas, como o formato do nariz, a grossura dos lábios e o tipo de cabelo também são características morfológicas que retratam adaptações ao clima e a outras variáveis ambientais de diferentes partes da terra.

A quantidade do pigmento melanina existente na pele é o que determina a cor da pele dos seres humanos. De acordo com Pena (2006), a produção de melanina é controlada por apenas quatro a seis genes, esse pequeno número de genes é insignificante no universo dos cerca de 25000 genes que existem no genoma humano. Outros renomados pesquisadores já comprovaram que pode haver mais diferenças genéticas entre dois indivíduos europeus pertencentes a um mesmo país do que entre dois africanos pertencentes a um mesmo grupo étnico. Portanto já está bem acordado entre a comunidade científica de que raças humanas não existem. Três linhas separadas de pesquisa molecular fornecem evidências científicas sobre

a inexistência de raças humanas, de acordo com Pena (2006), as evidências são as seguintes:

A primeira é a observação de que a espécie humana é muito jovem e seus padrões migratórios demasiadamente amplos para permitir uma diferenciação e, conseqüentemente, separação em diferentes grupos biológicos que pudessem ser chamados de “raça”. A segunda é o fato de que as chamadas “raças” compartilham a vasta maioria das suas variantes genéticas. A terceira é a constatação de que apenas 5 a 10% da variação genômica humana ocorrem entre as “raças” putativas. As evidências levam à conclusão de que raças humanas não existem do ponto vista genético ou biológico.

No século XVIII, a cor da pele foi utilizada como critério para classificar a humanidade em diferentes raças. Por isso, a espécie humana ficou dividida em três raças que persistem até hoje na terminologia científica: raça branca, negra e amarela. De acordo com todas as pesquisas relacionadas ao genoma humano, apenas uma parcela insignificante de genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo é envolvida na transmissão da cor da pele, dos olhos e do cabelo. Dessa forma, a cor não reflete uma diferenciação genética significativa para classificar os grupamentos humanos em diferentes raças. Além disso, muitos povos podem ter pele escura e nem por isso possuem parentesco geneticamente próximo. Como exemplo, podemos citar os negros da África e os nativos da Austrália: possuem pele escura por causa da concentração de melanina; no entanto, os nativos da Austrália e os negros da África não constituem o mesmo grupo biológico, apesar de possuírem a pele negra. Da mesma forma, podemos afirmar que os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico apesar da pequena estatura que eles têm em comum. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes às raças diferentes. Assim, um africano do Congo pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um senegalês. Portanto, de acordo com os estudos de renomados geneticistas, os patrimônios genéticos dos grupamentos humanos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para a classificação em raças.

Se os naturalistas dos séculos passados tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função de suas características

físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Entretanto, desde início, eles infelizmente se deram o direito de hierarquizar, isto é, estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. Dessa forma, os indivíduos da raça branca foram considerados coletivamente superiores aos da raça negra e amarela em função das suas características físicas mais evidentes, como a cor da pele, dos olhos e do tipo de cabelo. Esses naturalistas associavam as características físicas da raça branca a uma maior capacidade intelectual. Dessa forma, a raça branca era considerada mais apta para dominar outras raças, principalmente a negra, considerada menos inteligente de todas e, portanto, mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. De acordo com (MUNANGA, 2014):

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Podemos observar que o conceito de raça tal como empregamos hoje nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e dominação.

2.6 - A Cor da Pele como Reflexo da Adaptação ao Ambiente

Para tratar da origem do homem no continente europeu, procuramos obter fundamentação teórica para poder responder às seguintes indagações dos alunos: Quando os primeiros hominídeos surgiram na Europa? Os primeiros seres humanos da Europa possuíam pele clara? As características físicas do homem europeu refletem uma adaptação a um clima frio? Possuir uma pele negra em um ambiente de clima muito frio constitui uma desvantagem adaptativa? Os primeiros europeus nasceram na África?

Para responder a essas indagações dos alunos tivemos que realizar um estudo aprofundado sobre a origem do homem moderno. Atualmente, todos os cientistas do mundo concordam que a África é o berço da humanidade e que, a partir do continente africano, os primeiros hominídeos, graças ao fogo que descobriu e também aos instrumentos e armas fabricadas, puderam migrar para a Europa.

Segundo os estudos científicos, a Era Glacial cobriu a maior parte da Europa por volta de cinquenta mil anos atrás. Posteriormente, houve um aquecimento temporário que durou dez mil anos. Assim, de acordo com pesquisadores, entre cinquenta e quarenta mil anos atrás o homem africano pôde migrar para a Europa através do istmo de Gibraltar e colonizar a maior parte da Europa, bem como a Sibéria. Após esse aquecimento temporário da Europa que possibilitou a migração do homem africano para o continente Europeu, houve novamente o retorno da Era Glacial na Europa. A volta desse clima frio criou uma pressão adaptativa que favoreceu a despigmentação do homem africano de pele negra que chegou a Europa.

De acordo com os estudos paleontológicos, existem muitas evidências de habitações humanas paleolíticas. Nas camadas mais profundas das cavernas do sul da França foram encontrados os fósseis humanos mais antigos, datados de 39 mil anos. Esses fósseis, segundo Diop (2009), são dos primeiros africanos que chegaram à Europa. Nas camadas superiores das cavernas foram encontrados fósseis humanos datados de 25 mil anos que correspondiam ao denominado homem Cro-Magnon.

O homem de Cro-Magnon apresentava características adaptativas para viver em clima gélido. Segundo as mais recentes pesquisas, o homem de Cro-Magnon deveria apresentar pele clara e características faciais que lhes possibilitava viver em clima frio.

Em uma das aulas sobre a origem do homem nas duas turmas de EJA da EMPMA, um aluno quis saber por que a pele clara constitui uma adaptação para viver em clima frio. Para responder a essa indagação do aluno devemos conhecer o significado e a função da vitamina D no organismo. Essa vitamina funciona no corpo humano dando densidade e força aos ossos. A carência de vitamina D causa raquitismo nas crianças e osteomalacia nos adultos, tornando os ossos moles e quebradiços. A osteomalacia é especialmente perigosa nas mulheres porque, deformando a pélvis, dificulta o parto normal. De acordo com os pesquisadores, até os tempos modernos, quase toda vitamina D indispensável ao metabolismo dos ossos era fabricada mediante a interação com os raios solares ultravioletas. A vitamina D é encontrada na natureza apenas em peixes de água salgada do hemisfério norte. No século XX, a vitamina D começou a ser isolada e adicionada ao

leite como suplemento nutritivo. Antes do século XX, a menos que vivesse ao longo da costa norte-europeia e se consumisse peixe de água salgada, a luz solar era o único fator de produção de vitamina D no nosso organismo. Segundo relatos de Diop (2009):

Nos africanos de pele morena a negra, na época glacial e agora, a alta quantidade do pigmento melanina que confere cor escura à pele bloqueia a maior parte da radiação solar ultravioleta indispensável à produção de vitamina D. Em um ambiente quente, tropical, há tanta luz solar na maior parte do tempo que uma quantidade suficiente de luz ultravioleta ultrapassa a barreira da melanina, fabricando a vitamina D de que o corpo precisa. Assim, o raquitismo é muito raro na África e nos trópicos em geral.

Após termos lido os relatos do pesquisador, entendemos que a produção de vitamina D em pessoas de pele negra se tornou muito difícil no período da Era Glacial na Europa, comprometendo de forma significativa a sobrevivência dos africanos de pele negra que migraram para aquele continente. Após a leitura dos relatos de vários pesquisadores, percebemos que a pele necessita da luz solar para produzir vitamina D. Os poucos raios solares que atingiam as regiões de clima gélido da Era Glacial na Europa não conseguiam atravessar a barreira da grande quantidade de melanina existente na pele dos negros que nesse ambiente viviam, comprometendo de forma significativa a produção de vitamina D através da pele desses indivíduos. De acordo com vários relatos de estudiosos, a redução da quantidade de vitamina D teria sido desastrosa para a integridade óssea dessas populações africanas durante o período Glacial na Europa.

Durante as aulas com as turmas de EJA da EMPMA, procurei refletir juntamente com os alunos sobre as principais estratégias traçadas pelas pessoas de pele negra diante dos problemas causados pela deficiência de vitamina D a que estavam submetidos ao viverem em ambientes gelados e com pouca radiação solar. Alguns dos alunos afirmaram que uma das soluções para enfrentar o problema da deficiência de vitamina D teria sido a migração dessas pessoas para as regiões de clima quente e com radiação solar suficiente e que lhes possibilitasse a síntese dessa vitamina. Através do relato de vários estudiosos, percebemos que essa migração ocorreu. Outra hipótese apontada pelos estudiosos era de que a perda da barreira da melanina teria ocorrido por meio da despigmentação.

Vários pesquisadores chegaram às seguintes conclusões sobre a despigmentação da pele dos grupamentos negros na Europa:

- 1) Esse processo de despigmentação levou de cinco a dez mil anos.
- 2) Os indivíduos cuja pele branqueou sobreviveram mais nesse ambiente gelado do que os de pele escura.
- 3) Uma mutação genética que causa o albinismo foi responsável pela despigmentação da pele dos europeus de pele escura.

Novamente retomamos essa discussão com os alunos e abordamos o tema do albinismo, já que alguns casos são detectados na comunidade. Explicamos que o albinismo é uma anomalia genética que resulta numa incapacidade do organismo de produzir melanina. Sem o filtro protetor da melanina e sob um sol implacável, os albinos contraem cânceres devastadores que diminuem a expectativa de vida dos albinos. No entanto, a sorte do albino muda drasticamente num clima frio, em que a falta de melanina constitui uma vantagem adaptativa decisiva. Existe um tipo de albinismo extremo com total falta de coloração da pele, dos cabelos e dos olhos e está associado a outras doenças que o torna patológico. Também há um tipo de albinismo incompleto que permite algum bronzeamento da pele juntamente com variações na cor dos cabelos e olhos. De acordo com pesquisas mais recentes, o tipo humano que surgiu na Europa acerca de 35 a 40 mil anos atrás teria se originado a partir de um grupo de pessoas que possuíam esse albinismo incompleto e que formaram a população ancestral da raça caucasiana contemporânea. Outras características adaptativas ao clima frio, como cabelo liso, nariz afilado e lábios finos teriam funcionado para preservar o calor numa terra de inverno quase perpétuo.

A pele clara permite uma penetração de luz ultravioleta três vezes maior do que a pele negra permite, sendo mais eficiente na produção de vitamina D, principalmente em áreas de pouca insolação, como a Europa da Era Glacial.

Além disso, a pele branca é mais resistente ao frio do que a negra. A grande resistência da pele branca ao frio foi comprovada durante as duas grandes Guerras Mundiais e também na Guerra da Coréia. Durante essas guerras, os soldados negros americanos sofreram de quatro a cinco vezes mais ulcerações e outros machucados causados pelo frio do que os brancos. Tal fato ilustra que no ambiente

de uma Era Glacial a pele clara é mais adaptada à temperatura e às condições climáticas do que a negra.

Cabe destacar que o albinismo é mais comum entre os africanos do que entre qualquer outro do povo do mundo, mas na África os albinos não vivem muito tempo. Foram esses grupamentos humanos de albinos que originaram o homem Cro-Magnon, considerado pela história oficial o primeiro europeu.

É interessante ressaltar que muitos cientistas europeus afirmavam que povos vindos da palestina teriam dado origem aos primeiros povos de pele clara da Europa; entendemos que esse ponto de vista está relacionado com a tentativa de eliminar a hipótese de que grupamentos de povos africanos fossem os ancestrais do povo europeu. Dessa forma, percebemos claramente que o conhecimento científico pode ser usado e manipulado com o objetivo de sustentar determinadas ideologias.

2.7 - O Legado do Egito Antigo.

As valiosas contribuições que o Egito antigo deixou à humanidade podem ser observadas em diversas áreas do conhecimento tais como a história, a economia, a ciência, a arte e a filosofia. Há muito tempo os pesquisadores de diferentes especialidades reconheceram que grande parte do conhecimento obtido pelo povo egípcio foi incorporada pelos gregos, romanos e posteriormente pelos árabes. É importante ressaltar que o Egito antigo fez parte do Império Macedônico e posteriormente do Império Romano. Certamente, grande parte dos saberes e conhecimentos construídos pelos povos do antigo Egito foram incorporados pelos gregos e romanos na época em que o Egito encontrava-se sob domínio macedônico e posteriormente romano.

Um dos mais antigos e notáveis avanços da civilização egípcia verificou-se no setor da agricultura. Segundo relatos de vários estudiosos, a agricultura já era praticada no Egito em 18000 A.C., aproximadamente. O desenvolvimento da agricultura possibilitou aos antigos egípcios adotarem uma forma de vida sedentária, estável e integrada, o que, por sua vez, afetou seu desenvolvimento social e político. Segundo as pesquisas mais recentes, as evidências de práticas agrícolas mais antigas ocorreram entre os povos do Egito antigo. Evidências da paleobotânica reforçam a teoria de que o deserto do Saara há sete mil anos atrás apresentava

condições climáticas que possibilitavam o desenvolvimento de plantas e, portanto, existiam condições favoráveis à prática da agricultura. De acordo com os relatos de Sertima (1983), foram encontradas evidências do cultivo de mais de 25 espécies de grãos e legumes no solo da região que atualmente corresponde ao deserto do Saara. Ainda referenciado por Sertima (1983):

A criação de gado, outro elemento que contribuiu para a consolidação de algumas civilizações, também ocorreu na África há quinze mil anos no morro Lukenya, região próxima a Nairobi na África, e que essa sociedade responsável pela domesticação de animais possuía elevado grau de sofisticação e pode ter se espalhado até o vale dos rios Tigres e Eufrates.

A alegação de que a África não desenvolveu a escrita não se sustenta, uma vez que os hieróglifos egípcios, que compõem um dos primeiros sistemas de escrita, tiveram como antecedentes a escrita meroítica, originada no país africano atualmente denominado Sudão. Os egípcios elaboraram um sistema de escrita hieroglífica em que muitos dos símbolos derivam do seu meio ambiente africano. Pode-se afirmar, portanto, que a escrita hieroglífica é criação especial.

Após a pedra de Roseta ser decifrada no século XVIII, ficou evidente que praticamente todo conhecimento científico e filosófico da Grécia antiga teve origem no Egito, ou seja, na própria África. A Pedra de Roseta se constitui em material de pedra que apresenta escritas egípcias em hieróglifos e em outras línguas antigas conhecidas. Após ser decifrada, a pedra de Roseta revelou-se a chave do conhecimento dos antigos textos egípcios. Segundo o historiador grego Heródoto “pensem só, que esta raça de negros, hoje nossos escravos e objeto de nosso desprezo, é a própria raça a quem devemos nossas artes, ciência e até mesmo o uso da palavra”.

Uma das indústrias mais importantes do antigo Egito foi a do papiro, de invenção exclusiva do Egito. O papiro é uma planta que no Egito era usada na fabricação de embarcações, esteiras, cestos e cabos. Várias folhas de papiro eram usadas para formar os “livros” egípcios. De todos os materiais empregados como suporte para a escrita na antiguidade, o papiro certamente foi o mais prático, por ser mais flexível e leve. O papiro foi mais tarde adotado pelos gregos, romanos e árabes. De acordo com os pesquisadores o papiro foi sem dúvida, um dos principais produtos de exportação do Egito. Segundo Diop (2003):

Pode-se considerar o conhecimento da medicina como uma das mais importantes contribuições científicas do antigo Egito à história da humanidade. Documentos mostram detalhadamente os títulos dos médicos egípcios e seus diferentes campos de especialização. Imhotep, o Vezes, arquiteto e médico do rei Zoser, da III dinastia, é uma das mais significativas personalidades da história da medicina. Sua fama manteve-se durante toda a história do antigo Egito, chegando até a época grega. Divinizado pelos egípcios com o nome de Imouthes, foi assimilado pelos gregos a Asclépio, o deus da medicina. A influência egípcia sobre o mundo grego, tanto na medicina como na farmacologia, é facilmente reconhecível nos remédios e prescrições.

Segundo o relato de estudiosos, as técnicas de mumificação ilustram o conhecimento elaborado que os egípcios tinham da física, química, medicina e cirurgia. Esses conhecimentos adquiridos com a prática de mumificação permitiram aos egípcios o desenvolvimento de técnicas cirúrgicas desde os primeiros tempos de sua história. De acordo com os relatos de Diop (2013), a cirurgia egípcia é bastante conhecida graças ao papiro Smith, cópia de um original escrito durante o Antigo Império, entre 2400 a 2600 A.C. Nesse papiro está descrito um verdadeiro tratado sobre cirurgia dos ossos e patologias externas. Ainda hoje são aplicados vários tratamentos indicados naquele tratado.

Segundo relatos históricos, em casos de doenças de soberanos estrangeiros, os médicos egípcios eram sempre procurados para cuidar da saúde daqueles soberanos, sendo que Hipócrates tinha acesso à biblioteca do templo de Imhotep em Mênfis.

A civilização do Egito antigo caracterizou-se pela continuidade do seu desenvolvimento. Todos os saberes foram transmitidos e aperfeiçoados do começo ao fim da história do Egito antigo.

Hoje, já é consenso entre a comunidade acadêmica de que a cultura e a ciência egípcia foram as primeiras pedras fundamentais de toda a civilização ocidental. A astronomia egípcia era tão avançada que, em 4240 a.C, já havia desenvolvido um calendário mais exato do que o ocidental contemporâneo. As grandes pirâmides existentes no Egito constituem evidências de que o povo egípcio possuía avançados conhecimentos em arquitetura, matemática e engenharia, isto é, uma tecnologia avançada de quase cinco mil anos. Os papiros de Ahmes e de Moscous revelam o elaborado desenvolvimento da matemática no Egito, treze séculos antes de Euclides. A maioria dos educandos desconhece o grande desenvolvimento tecnológico das sociedades africanas. Para ressaltar a relevância

dos estudos sobre os povos africanos antigos, devemos nos reportar aos relatos de Nascimento (2008, p.108):

Além de fascinante, o estudo das antigas civilizações africanas é de primeira importância na recuperação da autoestima de um povo considerado incapaz de contribuir às ciências exatas, à civilização e à chamada cultura erudita. O registro das realizações dos povos africanos precisa ser incorporado à literatura didática, de maneira a incluir os africanos no cenário da história humana como protagonistas de sua própria vida em liberdade e como construtores do progresso humano.

2.8 - Quilombos: Passado e Presente

Durante o período escravocrata no Brasil, os negros que conseguiam escapar se refugiavam em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais eram conhecidos como quilombos. Nestas comunidades, eles viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo em comunidade. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas destas comunidades espalhadas, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.

Em 1630, ocasião em que o Estado de Pernambuco foi invadido pelos holandeses, muitos dos senhores de engenho acabaram por abandonar suas terras. Esse fato facilitou a fuga de um grande número de escravos que, após fugirem, buscaram abrigo no Quilombo de Palmares, localizado entre o estado de Alagoas e Pernambuco.

2.9 - A Origem do Quilombo de Palmares

Segundo consta em relatos históricos, o Quilombo de Palmares começou em 1595, ocasião em que quarenta escravos fugiram, à noite, de um engenho no sul de Pernambuco. Esses escravos caminharam vários dias, de manhã à noite, contornando lugares de difícil acesso até chegarem a um local onde se sentiram seguros. É assim que, na visão de alguns historiadores tem início a história de Palmares.

Esse lugar encontrado pelos fugitivos lhes possibilitava uma ampla visão do que estava ao redor possuía muitas nascentes de água e também muitas palmeiras. Por isso, esse local ficou conhecido como Quilombo de palmares.

No início eram poucas pessoas, mas o número foi crescendo até tornarem-se uma comunidade de 30 mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Os negros que fugiram para Palmares estabeleceram o primeiro estado livre nas terras da América, um Estado africano como foi pensado e organizado, tanto do ponto de vista político quanto militar, sociocultural e econômico. Palmares dominava uma área equivalente a um terço de Portugal.

Na realidade, Palmares não era um único Quilombo, sendo constituído, portanto, de vários Quilombos formando uma verdadeira fortaleza. Representava uma ameaça ao governo colonial, uma vez que, nesse local, a terra e o resultado do trabalho coletivo pertenciam a todos e não às elites coloniais da época. Além disso, em Palmares a sociedade era organizada de acordo com princípios de liberdade e solidariedade, o que era inaceitável para a sociedade escravista da época.

2.9.1 - Zumbi e Ganga-Zumba

Os senhores de engenho, organizaram várias expedições para a captura de negros em Palmares. Numa delas, um menino nascido em Palmares foi capturado, ainda recém-nascido, junto com outros negros adultos por Brás da Rocha, que atacou o Quilombo em 1695. Posteriormente, esse menino foi dado de presente ao padre português Antônio Melo, do distrito de Porto Calvo. O padre o batizou e deu-lhe o nome de Francisco e logo se afeiçãoou àquela criança. Padre Melo achava Francisco uma criança inteligente e lhe ensinou português, latim e religião.

Numa noite de 1670, ao completar 15 anos, Francisco fugiu para Palmares, que estava sob o comando de Ganga-Zumba. Foi então, acolhido por Ganga-Zumba, que lhe deu o nome de Zumbi.

Segundo relatam vários historiadores, o nome é algo absolutamente vital para as sociedades africanas. O historiador Santos (1985) relata que no Daomé, Estado africano que corresponde hoje ao Benin, uma pessoa ia mudando de nome ao longo da vida, isto é, quando se casava, quando era nomeada para um cargo importante, quando realizava uma façanha militar etc.

Nesse contexto, podemos refletir sobre as razões que levavam os traficantes europeus em mudar o nome dos escravizados, dando-lhes um nome cristão. Certamente era uma tentativa de esvaziar o africano de sua cultura, como uma tentativa de fragmentar a sua identidade. Mudar o nome dos africanos era uma das formas de violência do regime escravista. No entanto, no interior das senzalas o nome africano era preservado pelos escravizados.

Já os negros nascidos no Brasil sob o regime da escravidão, os quais eram chamados de crioulos, só tinham o nome cristão, mas, ao se aquilombarem, costumavam receber um apelido de identidade africana. Foi nesse processo de afirmação de sua identidade enquanto negro, livre e quilombola, que Francisco passou a ser chamar Zumbi.

Em 1677, os povoados palmarinos foram atacados várias vezes, ocasião em que vários líderes de Palmares foram presos ou feridos. Diante deste contexto a liderança de Ganga-Zumba começou a fragilizar-se.

Em 1678, o governador de Pernambuco ofereceu aos povos de palmares um acordo de paz, no qual prometia terras, permissão para o comércio com os vizinhos e liberdade somente para os negros nascidos em Palmares. De acordo com os registros históricos, Ganga-Zumba aceitou esse acordo desagradando totalmente a Zumbi e a outras lideranças palmarinas. Dessa forma, o acordo de paz colocou Zumbi e Ganga-Zumba em lados opostos.

Em 1680, Zumbi assume o comando do Quilombo de Palmares e Ganga-Zunga retira-se com os seus seguidores para Cucaú, terra doada pelo governo português aos negros que aceitaram o tratado de paz proposto e aceito por Ganga-Zumba. No entanto, ao chegarem a Cucaú os desentendimentos entre Ganga-Zumba e os membros da comunidade de Palmares começam a acontecer e a tornarem-se insustentáveis. Muitos negros resolveram voltar para Palmares, rompendo o acordo com o governo colonial. Diante desse contexto, Ganga-Zumba foi envenenado e o controle de Palmares passou para o seu irmão, Ganga Zona, que de acordo com relatos históricos não liderava bem o seu povo. Dessa forma, os negros preferiram retornar a Palmares e seguir Zumbi. Assim começa a trajetória de Zumbi como líder de Palmares.

Em 1688, o governador de Pernambuco foi a Piauí contratar o bandeirante Domingos Jorge Velho para liderar um ataque definitivo contra Palmares. Porém,

antes de atacar Palmares, Domingos Jorge Velho e sua tropa tiveram de combater uma revolta dos índios Janduíns no Rio Grande do Norte. Portanto, o ataque a Palmares foi adiado por três anos.

Finalmente, em agosto de 1692, Domingos Jorge Velho atacou o Quilombo de Palmares. No entanto, esse primeiro ataque não foi bem sucedido. Houve vários combates entre as tropas do bandeirante e os membros do Quilombo de Palmares. A luta contra os negros de Palmares durou vários anos, contudo, apesar de todo o empenho e determinação dos negros chefiados por Zumbi, eles, por fim, foram derrotados. Segundo relatos históricos, Zumbi foi morto em combate em 20 de novembro de 1695.

A Lei 10639/03, assinada pelo então Presidente Luís Inácio Lula da Silva, inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como “Dia Nacional de Consciência Negra”. Anteriormente, o dia da abolição da escravatura, isto é, dia 13 de maio, era muito celebrado em nossas escolas. No entanto, a comemoração do dia 20 de novembro realça o protagonismo do negro na história do Brasil, contribuindo dessa forma para realçar os processos de resistência dos negros diante da escravidão, contribuindo para desmistificar a passividade da população negra ao longo da história.

2.9.2 - Conceito de Quilombo

Durante o período escravocrata, a primeira conceituação do que era um “quilombo” foi realizada pela Coroa Portuguesa, como resposta do rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino em 02/12/1740, que definiu Quilombo como: “Toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoadas, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles”.

Até a década de 70, a caracterização dos Quilombos estava sempre vinculada ao período escravocrata. O termo Quilombo servia para designar determinados espaços como refúgios de “rebeldes” e locais de isolamento da população negra.

Segundo os pesquisadores, a partir de 1889 o termo “quilombo” desapareceu da base legal brasileira, reaparecendo na constituição de 1988 como categorias de acesso a direitos, numa perspectiva de sobrevivência, dando aos quilombos o

caráter de “remanescentes”. Foram, portanto, necessários cem anos para que o governo brasileiro reconhecesse os direitos territoriais das comunidades quilombolas. Dessa forma, podemos perceber que a constituição de 1988 representa um avanço para as comunidades quilombolas existentes na atualidade, uma vez que reconhece que há outras formas de uso da terra, diferentes da lógica da terra privada, reconhecendo, portanto, o direito constitucional das comunidades quilombolas de ter direitos sobre as terras ocupadas.

Esse avanço ocorrido na Constituição de 1988, que garantiu às comunidades quilombolas o direito às terras, foi consequência de um amplo processo de mobilização das comunidades negras rurais, do movimento negro urbano e de outras entidades comprometidas com as demandas das comunidades quilombolas da atualidade. Portanto, se durante o período colonial a categoria quilombo era considerada crime, após a Constituição de 1988 passou a ser considerada como categoria de autodefinição.

A Constituição Federal de 1988 avançou nas questões referentes aos direitos das comunidades quilombolas ao aprovar o art.68 do ato das Disposições Constitucionais Transitórias: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Após a Constituição Federal aprovar o art.68 do ato das Disposições Transitórias, houve um grande debate na sociedade brasileira para definir quem seriam os “remanescentes de quilombos”.

No ano de 1989, reuniu-se a 169ª Convenção da Organização Internacional do Trabalho. Naquela ocasião, essa convenção gerou um conjunto de artigos a ser seguidos pelos países signatários, o que foi ratificado pelo Brasil em 2002.

O primeiro artigo da Convenção tratava justamente do critério a ser seguido quando se desejasse estabelecer a identidade de determinada comunidade. Então em 2002, essa Convenção determinou que: “a consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos quais se aplicam as disposições da presente Convenção”. Em outras palavras, para conhecermos a identidade étnica de uma determinada comunidade, o critério a ser seguido é a própria visão da comunidade sobre sua herança étnica, conforme suas tradições orais e culturais.

De acordo com a orientação desta convenção, o decreto nº 4.887 de 2003, em seu segundo artigo, estabelece que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

O objetivo do decreto 4887 de 2003 foi regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e Titulação das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos de que trata o art.68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

2.9.3 - O Processo de Titulação das Terras Quilombolas

Para obter a titulação, a comunidade deve inicialmente se autodeclarar quilombola e apresentar vínculos históricos com o território em que vive. Posteriormente, é necessário realizar uma solicitação em que constem essas informações e enviá-la à Fundação Cultural Palmares, que é a entidade encarregada de analisar os dados e por emitir o Certificado de autorreconhecimento. Com a aprovação do certificado, a comunidade abre um processo junto ao INCRA, que promove um estudo sobre o território para elaborar o Relatório Técnico de identificação e delimitação. Após a aprovação do território, o INCRA estabelece os limites territoriais da área em que a comunidade vive. Posteriormente, os não quilombolas são retirados da terra demarcada e as construções privadas são desapropriadas. Após todas essas etapas terem sido seguidas, a titulação é concedida à comunidade quilombola.

Para os quilombolas, a terra tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários; ela representa o sustento e é, ao mesmo tempo, um resgate da memória dos antepassados, onde cultivam tradições, criam e recriam valores, lutam para garantir o direito de ser diferente sem ser desigual. Portanto, a terra não é percebida apenas como um objeto em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada à dignidade, à ancestralidade e a uma dimensão coletiva.

3 – METODOLOGIA

3.1 - Uso de obras cinematográficas

As atividades aqui citadas tiveram como objetivo problematizar as temáticas raciais através da utilização de obras cinematográficas como recursos alternativos na execução do plano de ação.

As obras cinematográficas utilizadas durante o trabalho desenvolvido se constituem como um dos diversos recursos pedagógicos para abordar as temáticas relacionadas ao plano de ação.

Para ressaltar a importância do cinema em sala de aula, relato a opinião de Souza (2006): “Na sala de aula, como em qualquer espaço educativo, o cinema é um rico material pedagógico. Agente socializante e socializador, ele desperta interesse teóricos, questionamentos sociopolíticos e enriquecimento cultural.”.

Nesse projeto de intervenção, utilizei seis obras cinematográficas, sendo três ficcionais e três documentários. Além das ficções e documentários, foi também exibida para os alunos uma entrevista com o presidente da Associação do Quilombo Mangueiras, Maurício Moreira dos Santos. Essa entrevista foi exibida pelo Programa Palavra e Ética da TVC/BH e disponibilizada no site Youtube em 02 de maio de 2012, tendo como entrevistador frei Gilvander Luís Moreira.

Todas as obras ficcionais foram exibidas no auditório da escola no 2º semestre de 2014. Os filmes exibidos foram os seguintes: “Besouro” (2009), “Mãos Talentosas” (2009) e “Mississippi em Chamas” (1989).

Os documentários foram exibidos no laboratório de informática, com a utilização dos recursos tecnológicos como computador e data show, e foram os seguintes: “Heróis de Todo o Mundo” (2009), “Zumbi dos Palmares” (2010), “África no Passado – Riquezas e Glórias” (2013).

3.2 - Oficina de Cinema

No decorrer do ano de 2014, procuramos selecionar alguns filmes que abordassem a temática racial para serem trabalhados em sala de aula com os educandos.

Inicialmente, procuramos assistir a esses filmes antes de exibí-los para as duas turmas do EJA da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade.

Para selecionar os filmes e documentários que seriam trabalhados nas turmas do EJA, levamos em conta as capacidades dos alunos, a faixa etária e os conteúdos apresentados.

Portanto, procuramos conhecer as características, nível de conhecimento e aprendizado das duas turmas do EJA para que a escolha dos filmes fosse adequada ao assunto abordado em sala, à faixa etária e ao nível de escolarização e conhecimento dos nossos educandos.

Outro aspecto importante que consideramos refere-se à importância do cinema como elemento de entretenimento, visto que a imagem em movimento acaba por despertar o prazer além de sentimentos e emoções nos espectadores.

Dessa forma, procuramos selecionar filmes que possuíssem um enredo comovente, cheio de suspense e até mesmo um pouco de violência e ação para prender a atenção de todos os educandos das duas turmas.

Os filmes que selecionamos e que foram trabalhados com as turmas de EJA foram os seguintes:

“Mãos Talentosas – A História de Benjamin Carson” (2009): o filme conta a história real de um garoto negro de Detroit, pobre, desmotivado e com baixo desempenho escolar, que se tornou um neurocirurgião de fama mundial.

“Mississippi em Chamas” (1989), do diretor Alan Parker: película cuja tônica constante é a segregação que divide a população em brancos e pretos e a violência contra os negros.

“Besouro” (2009): filme brasileiro que conta a vida de Besouro Mangangá, um capoeirista brasileiro da década de vinte a quem eram atribuídos feitos heroicos e lendários.

3.3 - Exibição do Filme “Mãos Talentosas”

O primeiro filme a ser exibido para as turmas foi a obra baseada em uma história real, denominada “Mãos Talentosas – A história de Ben Carson”, do diretor Thomas Carter e produzido pela Sony Pictures. O filme retrata dois momentos: Ben já adulto com a dúvida se faria uma cirurgia nunca realizada antes, a de separação de gêmeos siameses unidos pela cabeça; e Ben Carson em sua infância. Esse filme nos apresenta vários elementos que podem ser problematizados com os educandos. O protagonista do filme é um negro, pobre, filho de mãe separada e analfabeta, e que em várias as cenas é submetido ao racismo. Uma das principais mensagens que os alunos assimilaram do filme se refere à importância dos pais para o crescimento intelectual dos filhos. O personagem principal do filme tinha contra si todas as condições sociais adversas, no entanto, se tornou um cidadão respeitável e um brilhante neurocirurgião.

O educando do EJA chega à escola com uma baixa autoestima. O protagonista do filme era um aluno medíocre, que possuía um péssimo rendimento escolar, sendo também muito criticado pelos seus colegas de turma. Percebi, durante a exibição do filme, que os educandos se identificaram rapidamente com o protagonista do filme, com a capacidade de superação do ser humano. Os alunos da EJA experimentam uma longa trajetória de exclusão e defasagens de aprendizagem. O filme os motivou à superação das barreiras impostas, uma vez que, na sua maioria, são pardos e negros.

O filme também retrata vários tópicos interessantes relacionados a ciências, medicina, ética e literatura. Após a exibição do filme, procuramos direcionar os debates para dilemas presentes no roteiro, nas personagens e no aprimoramento do olhar crítico do aluno. Um dado interessante e curioso descrito pelo filme está relacionado com os conceitos escolares obtidos pelo protagonista. Esses conceitos eram sempre D e F, isto é, conceitos insatisfatórios. Praticamente, todos os alunos destacaram essa passagem do filme, relacionando os conceitos obtidos pelo personagem do filme com os seus próprios aproveitamentos nas diferentes disciplinas.

Praticamente todos os alunos conseguiram identificar as principais cenas de racismo relacionadas com alguns personagens.

3.4 - Exibição do Filme “Mississippi em Chamas”

Na última semana do mês de setembro, resolvemos exibir o filme “Mississippi em Chamas” no auditório da escola. A obra fornece subsídios para trabalhar inúmeros conteúdos, estimular debates e permite ampliar a percepção da turma sobre a questão racial.

Realizamos uma preparação prévia da turma para a exibição desse filme, como por exemplo, questionamentos a serem levantados sobre a temática racial abordada pelo filme. O filme “Mississippi em Chamas” aborda o tema da discriminação racial no sul dos Estados Unidos, narrando acontecimentos sob a ótica ficcional. Sob a direção de Alan Parker e com roteiro de Chris Grolo, “Mississippi em Chamas” põe em evidência a história da investigação do assassinato de três ativistas dos direitos civis, dois brancos e um negro, em 1964, expondo através de cenas fortes a discriminação racial presente no Estado de Mississippi.

Julgo importante destacar que há vários questionamentos e algumas críticas negativas sobre a conduta de algumas personagens e até mesmo sobre a forma como a questão racial é abordada no filme. No entanto, optamos pela exibição e procuramos tratar esses questionamentos com os alunos.

Antes de sua exibição, fornecemos algumas informações gerais sobre o filme a ser exibido, como a ficha técnica, um pouco da história do filme escolhido e o porquê de tal escolha. É importante ressaltar que informamos aos alunos que o filme é decorre no contexto dos anos sessenta do século passado. Nessa época, os negros do estado do Mississippi não tinham os seus direitos civis assegurados, isto é, não podiam votar nem ser votados e tampouco usufruir da democracia, por exemplo.

A exibição desse filme se justifica principalmente pelos inúmeros casos de racismo apresentados e também pelas inúmeras citações de entidades, personagens e expressões de importância histórica e ideológica.

As expressões “cavaleiros brancos da KKK”, “democracia anglo-saxônica”, “Gênesis 9 - versículo 27”, “comunismo” e os nomes de Martin Luther King e J.Edgar Hoover foram citados no filme. É evidente que aproveitamos todos os termos,

expressões e nomes de pessoas citadas acima para estimular os alunos a buscarem mais informações que seriam extremamente importantes para um maior entendimento do filme.

Na última semana do mês de setembro de 2014, esse filme foi exibido no auditório para as duas turmas de EJA da Escola Municipal Moacir Andrade.

Julgo importante esclarecer que a professora de Português, Inglês e Arte esteve presente à exibição de todos os filmes, aos debates, às reflexões e à elaboração de atividades a serem desenvolvidas pelos alunos.

Importante ressaltar que a evasão foi muito grande nas turmas de EJA da EMPMA. No final do mês de setembro, tínhamos em média uns 30 alunos frequentes.

Na aula seguinte à exibição do filme, as duas turmas foram reunidas em uma única sala para a realização dos debates e reflexões sobre o filme.

A reunião das turmas em uma mesma sala tornou o debate mais produtivo e promoveu um diálogo maior entre professores e alunos.

Formulamos algumas questões sobre o filme e estipulamos o prazo de uma semana para que os educandos tivessem um tempo maior para elaboração de suas respostas.

Dessa forma, os educandos tiveram tempo para consultar o laboratório de informática para conseguir informações mais detalhadas sobre as questões que elaboramos e que foram exigidas dos mesmos. Percebemos um envolvimento muito grande dos alunos durante a exibição do filme.

A exibição desse filme tornou mais dinâmicos e estimulantes os debates e reflexões sobre a temática racial.

As questões propostas sobre o filme foram respondidas com muita seriedade, envolvimento e dedicação.

É importante salientar que a exibição do filme contribuiu para que os alunos elaborassem suas próprias interpretações e conclusões sobre temática racial abordada.

3.4 - Exibição do Filme “Besouro”

“Besouro” é um filme brasileiro que conta a vida de Besouro Mangangá, um capoeirista brasileiro da década de 20, a quem eram atribuídos feitos heroicos e lendários. Estreou nos cinemas do Brasil no dia 30 de outubro de 2009. É um filme com duração de 95 minutos que apresenta elementos de ação, drama e fantasia. O longa-metragem “Besouro” (2009) relata a trajetória histórica e mítica de Manoel Henrique Pereira, o capoeirista Besouro de Mangangá, nascido no recôncavo baiano, possibilitando várias reflexões relacionadas à afirmação da cultura negra no Brasil e à luta contra a violência pós-escravidão, sob a qual ainda viviam os negros trabalhadores das fazendas canavieiras. Os negros retratados na película faziam parte de um grupo sem direitos sociais e discriminado que encontrou na capoeira uma forma de lutar pela preservação de sua cultura e pela conquista de direitos sociais. O filme também aborda temáticas relacionadas à religiosidade africana.

Antes da exibição da película, fiz um breve relato sobre as dificuldades enfrentadas pelos negros nos primeiros anos após a abolição para ter reconhecidos os seus direitos sociais e a sua cultura.

Após a exibição, elaborei um roteiro com várias questões para serem problematizadas em sala de aula. As várias atitudes discriminatórias, as estratégias utilizadas pelos brancos para impor uma invisibilidade aos negros, além das principais formas de resistência usadas pelos negros para preservarem as suas tradições culturais foram as principais questões retratadas pelo filme que mereceram, no diálogo com os alunos, uma abordagem mais relevante.

Alguns alunos, por serem tímidos, não gostam de participar de debates. Por essa razão, foi exigida a produção de um texto para que todos pudessem se expressar mais livremente acerca de sentimentos ou reflexões que o filme havia lhes transmitido.

3.5 - Leitura do Livro: “Uma Pequena Lição de Liberdade”

No Início do Mês de novembro, foi acordada com os alunos a leitura do seguinte livro: “Uma Pequena Lição de Liberdade”, do autor Júlio Emílio Braz. Trata-se de um livro paradidático, isto é, não se propõe a ser um livro didático com todo o

seu formalismo, tampouco ser literatura, mas um pouco de ambos. É um livro de 72 páginas no formato 12 por 18 cm, de leitura fácil e envolvente e que, na opinião do autor, apresenta aspectos pouco conhecidos ou até desconhecidos da trajetória do negro na História do Brasil. A História relatada no livro começa a partir de uma conversa entre um menino chamado Norton e seu Plínio. Norton relata ao professor as referências preconceituosas que um colega de escola usara contra ele, Norton. Por causa disso os dois meninos vão parar na diretoria. Enquanto espera pela mãe, Norton conversa com o professor, que lhe dá uma verdadeira aula de história sobre a vida e a luta dos negros no Brasil durante o período escravocrata. No livro é relatada a participação dos negros em vários episódios marcantes da história do Brasil como a Guerra dos Farrapos, a Revolta dos Malês, a guerra do Paraguai e, principalmente, a resistência negra formada a partir dos Quilombos durante o período escravocrata. No livro há um breve relato sobre a Guerra Civil Americana. É relatada também a contribuição de vários personagens negros para a construção da história do Brasil como Zumbi, Ganga-Zumba, André Rebouças, Francisco José do Nascimento (o Dragão do Mar) e vários outros. Os conceitos de cidadania, justiça, ética, desigualdade social, escravidão e resistência negra são abordados no livro.

Disponibilizamos alguns horários de aula para a leitura do livro. Percebemos que a maioria dos alunos concluiu a leitura do livro em aproximadamente quatro horas. Os alunos faltosos tiveram a oportunidade de realizar a leitura no período de recesso escolar do professor, sendo que, nesse caso, efetuamos o empréstimo de alguns exemplares para esses alunos. Estipulamos um prazo de vinte dias para que todos os alunos pudessem finalizar a leitura. Após esse prazo, realizamos com os alunos vários debates e reflexões sobre as principais temáticas relativas à história do Brasil relatadas no livro.

Posteriormente, os alunos foram orientados a realizar uma pesquisa na internet sobre as principais temáticas retratadas pelo livro. Dividimos a turma em grupos de pesquisa, sendo cada grupo responsável pela pesquisa de um determinado tema. No dia seguinte, cada grupo ficou responsável pela apresentação das diversas temáticas abordadas durante a pesquisa.

Aulas expositivas e elaboração de estudo dirigido foram ferramentas utilizadas para proporcionar ao aluno uma maior compreensão das temáticas abordadas pelo livro e pelas pesquisas na internet.

Cabe destacar que as principais temáticas trabalhadas pelos alunos durante a leitura do livro foram contextualizadas e cobradas nas avaliações que ocorreram durante o ano.

No final do livro há um glossário dos principais conceitos e personagens históricos relacionadas com a história relatada pelo autor. Durante a leitura, orientamos os alunos sobre a utilização desse glossário

Na página 52 da referida obra estão retratos de personagens históricos citados ao longo do livro como Luiz Gama, André Rebouças, Joaquim Nabuco e José do Patrocínio. Os alunos foram orientados a buscar mais informações sobre esses personagens na internet, principalmente, enfatizando a importância desses personagens para a luta abolicionista no Brasil.

A formação dos quilombos durante o período escravocrata foi descrito em vários capítulos da narrativa. Com a leitura do livro, os alunos tomaram conhecimento de vários Quilombos existentes durante o período escravocrata. De acordo com o interesse da turma e com a sugestão de alguns alunos, vários temas foram propostos para realização de pesquisas e debates em sala de aula. Julgo pertinente destacar que um dos temas de pesquisa que sugeri foi a existência de Quilombos no Brasil atual. Todos os alunos concordaram com a sugestão de pesquisa, portanto, ficou combinado que teríamos um momento no laboratório de informática para pesquisar em que parte do país ainda existem quilombos, onde seus descendentes vivem, como vivem e de que maneira conservam a identidade cultural de seu povo. As atividades de pesquisa foram realizadas durante o horário normal de aula no laboratório de informática, não sendo exigida dos alunos nenhuma atividade a ser realizada em casa. Os estudos sobre os Quilombos de Belo Horizonte foram trabalhados com maior ênfase em sala de aula e, principalmente, no laboratório de informática

3.6 - Exibição do Documentário: “África no Passado - Riquezas e Glórias”

No mês de novembro, os alunos tiveram a oportunidade de assistir no laboratório de informática o seguinte documentário: “África no passado – Riquezas e Glórias”. Trata-se de um documentário de 33 minutos de duração que foi disponibilizado no site www.youtube.com, em 12 de maio de 2013.

Este documentário teve a participação de Kagenbele Munanga, considerado por todos um dos maiores estudiosos das temáticas étnico-raciais da atualidade.

Durante o documentário, os alunos tiveram a oportunidade de constatar que as imagens da África que chegam até nós nem sempre refletem a complexidade e a riqueza de sua história. Um dos objetivos do documentário é revelar uma história rica e pouco conhecida da África. Durante o documentário, foram abordados vários aspectos significativos da história do continente africano.

Após assistir ao documentário, o aluno constatou que a África é considerada o berço da humanidade, pois, ali, os primeiros seres humanos começaram a migrar e povoar outras regiões da terra. Além disso, o aluno verificou que no continente africano floresceram civilizações de grande importância cultural e econômica, que marcaram a história na antiguidade, como o Egito, o Reino de Kush e a cidade de Cartago, entre outras.

Alguns aspectos relevantes sobre o continente africano foram relatados pelo documentário, os principais foram: o processo de colonização, descolonização, a influência do islamismo, os diferentes grupos étnicos e a riqueza econômica da África medieval.

Para explicar o desconhecimento que as pessoas possuem sobre o continente africano, Munanga (2013) aponta os seguintes fatores:

Eu acho que há um pouco de preconceito, de ignorância e também uma questão ideológica. Porque para colonizar um povo, tem que justificar. A justificação do discurso da missão colonizadora é de que a África era um deserto cultural, não havia história, não havia cultura, então nós temos muito da razão, para civilizar esses povos.

Cabe destacar que esse documentário foi exibido aos alunos com a utilização do datashow da escola. Após a exibição do documentário, participamos de uma roda de discussão junto aos alunos, momento esse dedicado ao debate das temáticas relatadas e, principalmente, às reflexões sobre os motivos relacionados ao pouco conhecimento que a maioria das pessoas possui a respeito do continente africano.

Após a exibição, as seguintes questões foram problematizadas: Por que as pessoas associam o continente africano à barbárie, à miséria e à ausência de cultura? Por que muitas pessoas desconhecem que o Egito faz parte da África e que os seus povos eram negros? Por que muitas pessoas desconhecem as grandes contribuições científicas, filosóficas e políticas do Egito para a história da civilização

ocidental? Por que a riqueza econômica da África Medieval é pouco conhecida pelo público em geral.

No passado, para justificar o processo de colonização, o europeu associava a África à barbárie e à miséria. Atualmente, os povos africanos são livres e independentes politicamente. Como explicar o porquê de as imagens negativas sobre a África ainda persistirem? Todas essas questões provocaram um debate que contribuiu de forma significativa para que o aluno da EJA conhecesse outras perspectivas de abordagem sobre o continente africano.

Esse documentário forneceu subsídios para o estudo dos aspectos econômicos, políticos, étnicos e culturais do continente africano. Um dado importante sobre o documentário se refere à menção sobre a cidade de Cartago, que existia no norte da África. Na antiguidade, Cartago rivalizava com Roma pelo controle e domínio dos povos ao longo do mar mediterrâneo. Após várias batalhas, houve a completa destruição de Cartago pelos romanos e, a partir daí, aconteceu a expansão do Império Romano. De acordo com relatos de diversos historiadores, Cartago teve a oportunidade de destruir Roma, mas, devido a uma hesitação do general cartaginês Aníbal, isso não aconteceu. Portanto, cabe refletir sobre o destino da Civilização Ocidental e dos povos africanos, caso a cidade de Cartago tivesse vencido Roma.

3.7 - Exibição do Documentário “Zumbi dos Palmares”

No mês de novembro foi exibido o documentário produzido pela TV Câmara sobre Zumbi dos Palmares, que foi disponibilizado pelo site www.youtube.com em 24 de Julho de 201º. Trata-se de um documentário de 8 minutos de duração que aborda a origem do Quilombo de Palmares e as diversas tentativas de destruí-lo.

As trajetórias dos líderes de Palmares, Zumbi, Ganga-Zumba e as diversas expedições organizadas para destruir Palmares foram relatadas.

Zulu Araújo, membro da Fundação Cultural Palmares, relatou que os acordos firmados e não cumpridos entre Ganga-Zumba e o governo Imperial de Portugal desgastou a imagem e liderança do líder de Palmares contribuindo para a ascendência de Zumbi ao poder.

De acordo com o documentário Palmares tornou-se a primeira República Livre das Américas sendo um território em que os negros reinventaram a cultura e a identidade dos seus ancestrais.

Após o documentário, os alunos permaneceram no laboratório de informática para realizar uma pesquisa na internet com o objetivo de obter mais conhecimentos sobre os temas abordados no documentário. Foram formados quatro grupos, tendo cada grupo a responsabilidade de apresentar para a turma os tópicos mais importantes relacionados com o que foi pesquisado.

Posteriormente, realizamos com os alunos uma Roda de Conversa, momento em que foi discutido sobre a importância da valorização dos heróis negros para a construção da história do Brasil.

3.8 - Exibição do Documentário sobre “Heróis de todo Mundo”.

Este documentário sobre heróis de todo o mundo mostra a trajetória dos heróis negros que servem de exemplo aos brasileiros de hoje. Esse documentário foi exibido para as duas turmas de EJA da escola durante o mês de novembro de 2014 e faz parte do projeto “A Cor da Cultura”, que visa à valorização da cultura afro-brasileira. “A Cor da Cultura” é um projeto educativo, fruto de uma parceria entre o canal Futura, a Petrobrás, o centro de informação e Documentação do artista Negro (CIDAN), a Fundação Cultural Palmares, a TV Globo, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SERPIR) e o Ministério da Educação e Cultura, tendo início em 2004 e, desde então, tem elaborado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam à valorização das Histórias e Cultura da África e dos afrodescendentes. O documentário “Heróis de todo o Mundo” faz parte do material presente no Kit educativo do projeto “A cor da Cultura” que foi distribuído em várias escolas públicas para ser usado como ferramenta de apoio à Lei 10639/03, tendo como objetivo tirar a história da população negra da invisibilidade.

No laboratório de informática, os alunos acessaram o site <http://www.acordacultura.org.br> e puderam conhecer a biografia de 30 cidadãos brasileiros afrodescendentes, atuantes na cultura, história, ciências e vida política do Brasil. Personagens até então desconhecidos dos alunos como André Rebouças, Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar) Cruz e Souza e João Cândido

Felisberto (Almirante Negro) foram apresentados através de narrativas de personagens negros da atualidade. Os alunos puderam observar os principais dados da biografia de cada personalidade brasileira afrodescendente, narrados por pessoas negras de destaque na atualidade.

Outra atividade desenvolvida foi uma reflexão sobre o racismo e a pouca valorização do negro em todos os espaços da sociedade brasileira.

4 - O QUILOMBO MANGUEIRAS

A comunidade Quilombola Mangueiras é composta por 22 famílias e por descendentes de um casal de lavradores negros, Cassiano e Vicência, que se instalaram na região no norte da capital mineira na segunda metade do século XIX, no período anterior à criação da própria cidade de Belo Horizonte.

O Quilombo Mangueiras está localizado na região norte de Belo Horizonte, às margens da MG-20, rodovia que liga os municípios de Belo Horizonte e Santa Luzia. No século XIX, a comunidade utilizava as terras situadas às margens do Ribeirão do Isidoro para o sustento de seu modo de vida.

Uma grande área verde formada por uma densa vegetação contorna a Comunidade Mangueiras. O trabalho na cidade e o cultivo de diversos produtos agrícolas garantem o sustento das famílias. O fato de viverem rodeados por uma grande mata e de desenvolverem práticas agrícolas relacionadas com a sua ancestralidade africana torna as pessoas dessa comunidade alvo de discriminação e preconceito.

Na primeira semana do mês de outubro, levamos ao laboratório de informática as duas turmas do EJA da EMPMA para assistirem a uma entrevista com o presidente da Associação do Quilombo de Mangueiras de Belo Horizonte transmitida pelo Programa Palavra e Ética da TVC/BH. Essa entrevista foi conduzida pelo Frei Gilvander Luis Moreira em 02/05/12 e o entrevistado foi Maurício Moreira dos Santos, que ainda preside a associação do Quilombo Mangueiras atualmente. Essa entrevista teve a duração de trinta minutos e foi disponibilizada no site Youtube em 10/05/2012.

Antes de levar os alunos para assistirem à entrevista, houve uma preparação prévia das turmas para possibilitar aos nossos alunos uma perfeita compreensão dos principais tópicos abordados.

Fiz um relato sobre o Programa palavra e Ética da TVC/BH e também considerei pertinente informar aos nossos alunos que o frei Gilvander é uma pessoa muito envolvida com as demandas das classes populares em Belo Horizonte. Fiz uma descrição da participação do entrevistado Maurício Moreira dos Santos em diversas entidades sociais. Alguns termos que apareceram com frequência na entrevista como Quilombo, Fundação Cultural Palmares, Laudo Antropológico, INCRA foram previamente explicados e trabalhados em sala com os alunos.

Durante a entrevista, o presidente do Quilombo Mangueiras relatou as principais demandas da comunidade e, principalmente, a dificuldade em conseguir, junto aos órgãos públicos, a titulação das terras que atualmente ocupam. A especulação imobiliária, o crescimento das cidades e a invasão desordenada de áreas em torno do Mangueiras foram apontadas como principais fatores responsáveis pela contaminação das cinco nascentes de água existentes na região. Segundo o entrevistado, somente em 2005 a luz elétrica e a água da Copasa foram disponibilizadas aos moradores do Quilombo.

No decorrer da entrevista, os alunos tomaram conhecimento de que a Comunidade Mangueiras vive atualmente em uma área de apenas dois hectares e que há uma disputa com a família Werneck pelos 18 hectares de mata existente em torno do Quilombo.

Após assistirem à entrevista, os alunos foram orientados a procurar na internet mais informações sobre o Quilombo Mangueiras. Além disso, orientamos os alunos a realizarem uma busca na internet a respeito dos principais procedimentos que devem ser seguidos para que uma Comunidade Quilombola receba a titulação de suas terras.

Atualmente, a área em torno do Quilombo Mangueira é palco de disputa imobiliária. A implantação da cidade administrativa presidente Tancredo Neves e a transformação do aeroporto de Confins em terminal industrial mudaram o perfil da região, conhecida como vetor Norte.

Após assistirem à entrevista e realizarem diversas buscas na internet sobre as principais demandas das Comunidades Quilombolas, os alunos retornaram à sala

de aula para debaterem a respeito das principais questões relacionadas com as comunidades quilombolas. Selecionamos três temas relacionados com as comunidades quilombolas de BH e pedimos aos alunos que organizassem a apresentação de um trabalho para a semana seguinte. O primeiro tema selecionado se referia às etapas envolvidas no processo de titulação das terras quilombolas; o segundo, referente aos principais problemas ambientais existentes nessas comunidades; e o terceiro, apresentar os principais eventos culturais das comunidades quilombolas de Belo Horizonte.

5 - RESULTADOS

A exibição de obras cinematográficas contribuiu de forma significativa como recurso pedagógico para a aplicação da Lei 10639/03 nas turmas de EJA e, conseqüentemente, para o êxito do trabalho executado, possibilitando reflexões, diálogos e discussões sobre as temáticas abordadas.

Percebi, após a exibição dos filmes, o quanto a linguagem cinematográfica foi eficiente para o trabalho com temas étnico-raciais. Através de relatos dos próprios alunos, foi constatado que os educandos do EJA têm pouca oportunidade de ir ao cinema e, portanto, a exibição de filmes na escola se transformou em um recurso didático prazeroso que contribuiu para tornar mais dinâmico o processo de ensino e aprendizagem.

Uma maior percepção e também indignação dos alunos contra as práticas discriminatórias direcionadas às populações negras foram resultados do plano de ação executado. Através das Rodas de Conversas, percebi que ocorreu uma melhora na socialização, na aceitação das diferenças étnicas, religiosas e de orientação sexual.

Quando descrevi o perfil dos alunos da EJA, fiz referência a um aluno negro e a outro aluno com orientação sexual diferente da heteronormatividade, que apresentavam dificuldades em ser acolhidos pelos colegas de turma. Tanto esse aluno que apresentava características muito acentuadas da população negra quanto o aluno homossexual apresentavam no início um número excessivo de faltas e estavam na iminência de desistirem do curso. No entanto, no decorrer do ano, esses dois alunos passaram a ser aceitos pelos colegas de classe e com isso o ambiente escolar passou a ser mais acolhedor para ambos. O trabalho desenvolvido abordando o respeito às diferenças e à diversidade surge como a hipótese mais plausível para explicar a mudança de comportamento da turma em relação a esses dois alunos. Dessa forma, esses dois alunos que anteriormente eram discriminados passaram a ser acolhidos pela turma, o que gerou um ambiente mais adequado ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo assim para o sucesso desses dois alunos na escola.

O filme que foi apresentado sobre Ben Carson facilitou a abordagem dos principais fatores responsáveis pelo sucesso de uma pessoa dentro da ordem capitalista em que vivemos. Essa obra cinematográfica contribuiu para a melhora da autoestima, assim como a desconstrução imaginária de incompetência e inabilidade do aluno negro.

Os alunos do EJA possuem trajetórias escolares, familiares e sociais semelhantes aos primeiros quinze anos do protagonista negro do filme, o que facilita uma maior identificação com a trajetória apresentada. Após o filme, percebi os alunos mais motivados em superar as dificuldades que enfrentam em suas trajetórias de vida.

Em contrapartida, os alunos do EJA perceberam, após várias reflexões, que o mérito alcançado por uma pessoa não depende apenas do esforço pessoal de cada um, mas também de fatores sociais e coletivos. Para contextualizar os alunos e facilitar a compreensão dos fatores relacionados às desigualdades sociais, reporteime ao seguinte relato de Souza (2007):

Segundo a ideologia capitalista, todos têm chances e o mérito é fruto do esforço de cada um e não está implicado em situações históricas e/ou sociais: uma visão equivocada, construída ao longo da história do Brasil, que parece fazer questão de culpar uma raça por um processo que é coletivo, esquecendo que todo o fazer do homem como um fazer-se humano é um fazer social e histórico.

A obra cinematográfica “Mississippi em Chamas” despertou o interesse dos alunos do EJA em conhecer a forma pela qual era praticado o racismo nos Estados Unidos. Além disso, o longa-metragem despertou a sensibilidade e a indignação dos alunos contra toda forma de racismo e discriminação, contribuindo também para despertar o interesse dos mesmos em conhecer a trajetória de luta de Martin Luther King pelos direitos civis dos negros americanos.

Um dos principais resultados da exibição do filme Mississippi em Chamas foi proporcionar um conjunto de elementos para se debater a questão racial com as turmas de EJA em sala de aula.

A entidade racista Ku Klux Klan e a expressão democracia anglo-saxônica despertaram no aluno a percepção de que o racismo tem um conteúdo ideológico. Uma das personagens do filme faz o seguinte depoimento:

Não aceitamos os judeus porque eles rejeitaram Cristo. Não aceitamos os Papas porque eles reverenciam um ditador romano. Não aceitamos os turcos, os mongóis, os orientais e os negros. Estamos aqui para proteger a democracia anglo-saxônica e a América.

Relatei aos alunos que o depoimento da personagem representava o pensamento de grande parte da sociedade americana na época e que essa ideologia racista ainda persiste nos dias de hoje nos Estados Unidos e, principalmente, em muitos países da Europa. Portanto, os alunos tiveram a percepção de que os judeus, os turcos, os mongóis e os orientais também são discriminados.

O documentário “Heróis de todo o Mundo” tirou da invisibilidade uma série de personagens negros que foram importantes na construção da história do Brasil, ao realçar a importância da valorização desses personagens no sistema de ensino brasileiro. Alguns personagens desse documentário tiveram participação decisiva nos processos de resistência das populações negras ao longo da história. Através desse documentário, os alunos perceberam que existem outras narrativas possíveis sobre a nossa história, nas quais se valorizassem pessoas mais identificadas com demandas das populações negras.

Os documentários “África no Passado - Riqueza e Glória”, “Zumbi dos Palmares” e o filme “Besouro” foram muito importantes para o aluno perceber as diversas estratégias de resistência do negro ao longo da história. O documentário sobre a África revelou o grande conhecimento científico, filosófico e político de algumas civilizações africanas da antiguidade, desconstruindo, no imaginário do aluno negro da EJA, os estereótipos negativos sobre as suas ancestralidades.

A análise da entrevista com o presidente da associação do Quilombo Mangueiras conduzida pelo Frei Gilvander foi muito enriquecedora para os alunos do EJA. Os alunos tomaram conhecimento dos principais problemas enfrentados pelo quilombo Mangueiras em relação à ocupação urbana à sua volta, com graves prejuízos ambientais. Além disso, os alunos perceberam que as comunidades remanescentes de quilombos são importantes para a preservação da cultura, tradição e religiosidade das ancestralidades africanas.

6 - CONCLUSÃO

O plano de ação desenvolvido cumpriu os objetivos e contribuiu para melhorar as relações de convivência entre os educandos. Eles acolheram a proposta e reconheceram a importância do trabalho com temática racial para a desconstrução de estereótipos e promoção de uma educação que contemple todos os sujeitos sociais que contribuíram para a construção da sociedade brasileira. No entanto, o fato mais relevante foi o de, junto aos alunos, romper o silêncio quanto à temática racial, suscitando reflexões sobre situações que há pouco tempo eram invisibilizadas.

É importante destacar que o trabalho superou minhas expectativas, principalmente pelo apoio que tivemos da direção, da coordenação pedagógica, da bibliotecária e da monitora de informática. De acordo com os educandos, a intervenção foi muito importante e necessária para uma maior compreensão das desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

Por um lado, percebemos, através das falas e atitudes dos educandos, uma maior politização e envolvimento em todas as temáticas raciais abordadas.

Por outro lado, entendemos que o plano de ação poderia ter sido mais abrangente, contemplando todas as turmas do noturno, bem como a comunidade escolar. É necessário avançar nas discussões, principalmente nos elementos de religiosidade africana, uma vez que essa temática foi pouco abordada em sala de aula. Entretanto, podemos afirmar que o trabalho desenvolvido foi muito estimulante e enriquecedor. Temos a convicção de que é necessário continuarmos os estudos sobre a história da África e a cultura afro-brasileira para que possamos, futuramente, obter mais segurança e conhecimentos para avançarmos nas discussões, envolvendo um público mais abrangente nos debates e reflexões sobre a história da África e a cultura afro-brasileira.

Na oportunidade, gostaria de destacar que a preparação e os estudos que realizamos para o desenvolvimento do plano de ação foram extremamente relevantes para que as questões relativas à diversidade racial ou de gênero fossem trabalhadas de forma a respeitar as especificidades de cada educando.

Percebemos, após a exibição de vários filmes e documentários, que os conhecimentos sobre a história da África e os processos de resistência da população negra foram discutidos de uma forma proveitosa nas turmas. Constatei que a proposta de exibição de filmes como ferramenta de aprendizagem foi extremamente positiva, uma vez que contribuiu para a ampliação da bagagem cultural e para a formação crítica e reflexiva do educando.

É importante ressaltar que, entre o mês de fevereiro e o fim de agosto, abordamos muito pouco a história da África e a cultura afro-brasileira, uma vez que não possuíamos uma preparação teórica para trabalhar de forma satisfatória essa temática. Durante a realização do curso de Educação para as Relações étnico-raciais, fui aprimorando conhecimentos e elaborando uma metodologia para abordar, de maneira adequada, a história da África e os processos de resistência da população negra ao longo da história.

A partir dessas experiências, percebemos que avançamos no sentido de trabalhar a história da África em sala de aula, desconstruindo o eurocentrismo que até então orientava as ações no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Nos próximos anos, devo seguir as orientações da Lei 10639/2003 e inserir, desde o início do ano letivo, todas as temáticas relacionadas à questão racial no Brasil como tema de estudo e reflexão.

Para os próximos anos, o trabalho de intervenção terá continuidade, no entanto, será redimensionado. Essa proposta será reelaborada e ampliada para efetivamente contemplar as principais orientações relacionadas à lei 10638/03 (Brasil). Uma visita a uma comunidade quilombola de Belo Horizonte e o contato com entidades representativas do Movimento Negro será de fundamental importância para que o educando conheça os principais problemas e demandas da população negra no Brasil.

Uma atividade interessante durante a intervenção foi a leitura que os alunos fizeram do seguinte livro: “Uma Pequena Lição de Liberdade”, do autor Júlio Emílio Brás. Através da leitura dessa obra, os alunos aprofundaram seus conhecimentos sobre vários episódios e personagens da história do Brasil. A organização do quilombo de Palmares, a Revolta dos Malês, a Guerra dos Farrapos e a questão abolicionista foram assuntos abordados na obra e que contribuíram de forma

relevante para um maior entendimento por parte dos alunos a respeito dos principais processos de resistência da população negra durante o período escravocrata.

Além disso, a leitura da obra revelou aos educandos a importância que pessoas negras como Luís Gama, André Rebouças, Ganga-Zumba, Zumbi e José do Patrocínio tiveram para a construção de um projeto de país mais democrático e igualitário.

Para os próximos anos, devemos articular, juntamente com a professora de Português, um trabalho mais abrangente e que envolva a leitura de obras literárias que abordem a questão racial.

Depois que iniciamos o plano de ação na escola, verificamos que houve uma maior assiduidade e envolvimento por parte dos alunos em relação às atividades propostas. Os filmes exibidos contribuíram para uma maior dinamização do processo de ensino e aprendizagem. Ficou muito evidente a ansiedade e vontade dos educando em expor suas reflexões sobre as condutas éticas, morais e políticas dos diferentes personagens, e também em refletir sobre as ideologias racistas veiculadas pelos filmes.

O curso de especialização em educação étnico-racial do qual participei na UFMG foi fundamental para preencher uma lacuna em minha formação acadêmica. Atualmente, percebo que tenho uma maior competência e segurança para trabalhar em sala de aula as questões relacionadas com a diversidade étnico-racial e também de gênero.

Um olhar mais atento às especificidades do aluno do EJA e o questionamento das práticas pedagógicas adotadas são consequências positivas dos estudos que realizei para a elaboração desse trabalho.

O trabalho terá continuidade nos próximos anos e, a partir dos resultados obtidos, vejo a necessidade de um redimensionamento das temáticas, das práticas pedagógicas e dos recursos e materiais que foram utilizados.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anette; GOMES, Nilma (org.) *Educação e raça: Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e antirracismos no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

ALMEIDA, Leandro. *Uma nova história do Negro Brasileiro*. Revista Carta Fundamental, Ministério da Educação, n ° p.18, 19, 20, 21, novembro de 2013.

BERUTTI, Flávio. *Comunidades Quilombolas: espaços de resistência*. 1ª ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

BRANDÃO, André Augusto P.; Apud MUNANGA, Kabengele. **Programa de Educação sobre o Negro na sociedade Brasileira**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.p.15- 33.

BRAZ, Júlio Emílio. *Uma pequena lição de Liberdade*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O racismo na História do Brasil: Mito e Realidade*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Marcas da Segregação*. Revista Carta na Escola. Ministério da Educação, nº83, p.38, 39, 40, 41, 42, 43, fevereiro, 2014.

FERREIRA, Fernando Sarti. *Por uma segunda Abolição*. Revista Carta na Escola. Ministério da Educação, nº 92, p.54, 55, 56, 57, dezembro, 2014.

FIGUEIREDO, André Videira de. *O Caminho quilombola: Sociologia Jurídica do reconhecimento étnico*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2011.

GREGORIO, Rafael A. *História Negra, escola branca*. Revista Carta Na Escola: atualidades em sala de aula. Ministério da Educação, nº 83, p. 20, 21, 22,23 novembro, 2013.

História e Cultura africana e afro-brasileira. Obra Coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Rosane Cristina Thahira. 1ª Edição. São Paulo: Moderna, 2012.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. Apud NASCIMENTO, Valdeci Pedreira. **Escola Plural: A diversidade está na sala**. 3ª edição, São Paulo Cortez Brasília UNICEF, 2012.

LOBÃO, Alexandre. *Quilombos e quilombolas: Passado e presente de Lutas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, (coleção repensando África, volume 1), 2008.

MOORE, Carlos. *O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala (Coleção Repensando África, Volume 5), 2010.

MUNANGA, Kabengele. *Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Harkins. **A Matriz Africana no Mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.p.108.

NASCIMENTO, Elisa Larkin(org.); FINCHIII, Charles S. apud Diop Anta Cheik **Afrocentricidade: Uma Epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.p.82.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A Matriz Africana no Mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Vicente de Paula. *Construção de Identidade e Inclusão Social do Afro-Brasileiro*. UEMG, PROPEX. Belo Horizonte, 2005.

PENA, Sérgio D. J; BIRCHAL, S. Telma. Revista USP, São Paulo, nº 68, p.15, dezembro/fevereiro, 2005-2006.

Referências da Citação

ROSEMBERG, Fúlvia E Colaboradores. Fundação Carlos Chagas. **Diagnóstico sobre a Situação Educacional de Negros no Estado de São Paulo**. Vol. 2, São Paulo, 1986.

SILVA Analise Da. **Diálogos com as juventudes presentes na EJA**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI**/coordenação Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Barbosa. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos Na Educação de Jovens e Adultos**. 1ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

SOUZA, Edileuza Penha (org.). **Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para a implementação da lei 10639/2003**. Vol.1, p.184, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

SOUZA, Edileuza Penha De. Apud CARDOSO, Lavínia. **Negritude, Cinema e Educação**. Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, vol. 2.p. 42. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.